



MISCELĂNEA



138



25-66

CHRONICA THEATRAL

DA

Nova Academia Dramatica.

N.º 1.º

THERESA,

DRAMA

DE

M. Alexandre Dumas;

EM CINCO ACTOS, E EM PROSA,

Vertido em linguagem.

.....
Laevitia, studium, gloria.
.....

COIMBRA:

NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

1839.

CHRONICA THEATRALIS

Opera Joannis Baptistae

N. 1.

LIBERUS

ITALICUS

M. Alexander Dumas

IN CINQUE ACTUS, E IN PROSA

Scenae frons

.....
.....
.....

COMEDIA

IN THEATRIS UNIVERSITATIS

1831

Prefacio dos Traductores.

Quando no anno preterito de 1838 reunimos os nossos esforços para edificar um Theatro Academico, no qual em honesto passatempo, e util instrucção empregassemos as poucas horas, que nos cabem de usual descanso no estudo das Aulas, logo assumon em os nossos espiritos a formosissima idéa de um aperfeiçoamento mais illustrado e subido assim na grandeza e contextura material da obra, como no progresso moral dos conhecimentos Dramaticos, ainda tão pouco vistos e estudados entre nós; e tanto para se verem e estudarem, — como capitulos de uma educação perfeita e delicada, — castigadores dos costumes, — e espelhos das paixões e vicissitudes humanas.

Temos actualmente a satisfação de ver coroados os nossos ardentes desejos em ambos estes particulares. — A obra do Theatro, fructo dos esforços, zêlo e constancia da Associação, cresce grande e formosa á sombra das sympathias, e coadjuvação de grande parte do Magisterio Academico, e ontras pessoas súsudas e respeitáveis da Cidade. E não é em parte menos satisfeito o nosso outro desejo; porque foram instituidos um Conservatorio Dramatico, um Conservatorio de Musica e outro de Pintura, que tem convidado para o seu gremio aquelles Academicos, que podião prestar algum serviço em qualquer destes ramos; — grande numero de Socios tem concorrido a inscrever-se como Actores; — e esperamos em breve tempo ver arraigado em Coimbra com as mais sólidas e profundas raizes o bom gosto Dramatico.

Chamados pelos votos dos nossos Consocios a desempenhar os difficeis cargos de Membros e Directores do Conservatorio Dramatico, quizemos dar começo aos nossos trabalhos com a versão em linguagem da excellente Peça de Mr. *Alexandre Dumas*, a THEREZA que approvamos e fizemos ensaiar para ser declamada em uma das primeiras Recitas, — não podendo satisfazer á vontade, que tinhamos, de abrir o Theatro com um Drama puramente nacional, por não ter algum á mão com a simplicidade de decorações, e vestuario, que demanda um Theatro nascente e mal acabado. Fizemos todavia

quanto em nós estava para que o estilo e termos da versão fossem verdadeiramente Portuguezes, já que o Drama o não podia ser. E, se por ventura nos não faltarem no anno por vir saude e tempo, talvez caminharemos mais ávante na carreira Dramatica dando á luz novas Peças, já vertidas, já imitadas, já originaes conforme em as nossas posses for cabendo, abrindo por esta maneira um caminho, que tibios, e receosos encetamos, porém, onde deixamos aos nossos successores largo campo para collierem um dia mais sasonadas, e gloriosas palmas.

Coimbra. Sala da Direcção do Conservatorio Dramatico em a nova Academia Dramatica, 28 de Abril de 1839.

Rodrigo José de Moraes Soares,

Presidente.

José Freire de Serpa Pimentel,

Secretario.

José Maria Eugenio d'Almeida,

Relator.

Antonio José Marques Corrêa Caldeira,

Membro do Conservatorio.

João das Neves Gomes Elzeu,

Membro do Conservatorio.

N.º 1.

THERESA,

DRAMA

EM CINCO ACTOS, E EM PROSA.

DECLAMADORES.

Os Ilustrísimos Senhores

O BARÃO DELAUNAY	<i>Francisco Maria da Silva Torres,</i>
THERESA	<i>Luiz Fernandes das Neves Junior,</i>
ARTHUR DE SAVIGNY	<i>José Freire da Serpa Pimentel,</i>
AMELIA DELAUNAY	<i>Antonio de Serpa Pimentel,</i>
LAURA DE SOUSA	<i>Frederico Augusto Pereira de Moraes,</i>
DULAU	<i>Feliciano Augusto de Brito,</i>
PAULO	<i>Herculano Aprigio Santa Barbara,</i>
O BARÃO DE SOBRIEN	<i>J. de V. P. C.</i>
O GENERAL CLEMENTE	<i>Francisco José Alves Vicente,</i>
Mr. DE SERCANNES	<i>Antonio de Vasconcellos Pereira Coutinho,</i>
UM ESCUDEIRO DO BARÃO	<i>José Maria d'Almeida Quirina.</i>

COMPARSAS.

SENHORES E SENHORAS CONVIDADAS,
CREADOS DA CASA DO BARÃO.

A scena é em Paris, em casa do Barão Delaunay.
A epocha é em 1833.

ACTO PRIMEIRO.

(Uma Sala — Amelia Delaunay está com a colheita acortada sobre uma mesa, de que entree alguma outra de-
monia o conego da Senna. — Presto d'ella está Arthur de Savigny em uma attitude quasi familiar. — Laura
de Sousa trabalha junto de uma mesa.)

SCENA I.

AMELIA, ARTHUR e LAURA.

AMELIA. E em que epocha era que
saíeis em Veneza?

ARTHUR. Pelos fins do anno de 1839.

LAURA. E merece acaso a rainha do
Adriatico toda a reputação, que por via
dos poetas tem adquirido?

ARTHUR. Foi ella a unica cidade no
mundo onde Byron se demorou tres
annos.

AMELIA. E lembrou-se ainda d'isso os
habitantes?

ARTH. As Cidades, Amélia, cujos monumentos vão desabando em ruínas, esquecem depressa os homens. — É verdade, que alguns Venezianos se lembrão talvez ainda de ter visto passar pelas ruas de Veneza um estrangeiro pálido e alto, que se chamava Byron; se todavia d'elle se recordão não é por ser o autor do *Corsário*, e do *Chilid-Harold*, nem pelo considerarem como nas uma especie de Anjo rebelde e decaído, sobre cuja fronte o dedo do Eterno escreveu GENIO e DESVENTURA. — Lembrião-se d'elle pelo ter visto galopar montado em soberbos cavallos por cima das pedras humidas da Praça de S. Marcos; e isto em uma terra, onde a raça de taes animas é quasi desconhecida; e porque n'esses mesmos cavallos o virão no Lido correr por entre os tumulos do Cemiterio Judaico, lugar, onde um Christão só á força entraria de noite.

AMEL. Ora eis ali está porque eu não gosto de Veneza.

ARTH. Fôra antes motivo para não gostardes de seus habitantes, Amélia. — Os povos, segundo tenho observado, raras vezes estão em harmonia com as cidades, que habitão. — Veneza, minha Amélia, deve ser vista do alto do obelisco de S. Marcos, banhando os seus pés nas ondas como a Venus maritima, e salçada á noite em todas as direcções por inumeraveis gondolas negras, com suas lanternas nas prôas, cruzando-se como as estrellas do ceo; — Veneza deve ser vista do Lido, quando coberta com os nevoeiros da manhã, cada bahorada da brisa do Adriatico rasga, e leva consigo um pedaço de seu véo branco, e descobre ora um palacio, ora uma ponte, ora uma Igreja. Parece, perdoa-me a comparação, Amélia, parece uma Cortezã, que por furtiva só pouco a pouco nos quer deixar ver a sua belleza.

LAUR. Eis ali uma descripção, senhor Arthur, que me parece mais propria de um Poeta, que de um viajante.

AMEL. Depois de casados, meu Arthur, havemos de ir ambos a Veneza. Prometteis levar-me lá, não é verdade?

ARTH. Sim, minha Amélia; e então Veneza me parecerá mais formosa ainda,

porque me acompanhareis ao alto do obelisco de S. Marcos, estareis comigo no Lido; e se me não fizerdes esquecer Veneza, ao menos muito mais linda me parecerá ella; porque os olhos, com que a vir, serão os olhos de um homem afortunado.

AMEL. Depois fosteis?

ARTH. A Nápoles.

AMEL. A Nápoles, onde agora está meu Pai!... Ah! fallai-me eu, Nápoles, Arthur.

ARTH. Vosso Pai está a chegar, e eu não quizera privar-o do maior prazer do viajante: a satisfação de fallar nas suas viagens.

LAUR. Dizei antes, senhor Poeta, que as recordações, que trouxestes de Nápoles, não entrão em o numero daquellas, que tentiozias confiai a Amélia.

ARTH. Porque motivo senhora Laur?

AMEL. (A Arthur) Que quer ella dizer com aquillo?

ARTH. Prestai-me attenção, Amélia, porque as cousas, que vou dizer-vos, equivalem a uma plena confidencia. Vosso Pai está a chegar; e o seu regresso será seguido do nosso casamento. Esta união deve ser, ao menos seguido as minhas esperanças, um futuro de felicidade para ambos: é por tanto necessario que vos me conheçais como eu vos conheço, para ser imperturbavel essa felicidade, naã tendo que temer um ao outro. Vosso coração, Amélia, está tranquillo, nem jamais o atormentou paixão alguma; mas tereis talvez a unica no mundo, a quem Deus concedera essa pureza, e formosura de Anjo. Quereis-me bem, talvez mais como a um irmão, que como a um marido... Oh! eu não vos levo isto a mal, porque antes de me conhecedes não tinheis amado ainda, nem mesmo com affecto de irmão... Eu sou menos feliz, Amélia, e não vos offereço uma alma tão pura como a vossa: dois annos da minha vida foram consumidos por um amor violento. A minha descalpa são duas palavras: não vos conhecia ainda, Amélia...

AMEL. (Ingenuamente e com curiosidade.) Oh! contai-me essas cousas.

LAUR. Como assim! Dessa madeira escutas confissões de tal natureza!

AMEL. Sem dúvida. Não ouviste tu como eu ouvi? Não disse elle que essa paixão se tinha extinguido, e que não se conhecia ainda no tempo em que ella tinha brotado? E então! Conhece-me agora, e quer-me bem. Que me importa um passado, que me não penitencia, quando o futuro pode ser meu?... Contai-me tudo, Arthur! contai-me tudo!

ARTH. Muito agradecido vos fico, senhora Laura, porque, apesar de não ser essa a vossa intenção, levasteis-me todavia dos embaraços de uma confissão, que o meu amor espargava por mim mesmo tímido, mas que a minha lealdade me obrigaria a fazer um dia.

AMEL. Vamos depressa á historia... o seu nome antes de tudo.

ARTH. O seu nome não me pertence, Amélia; é a única circumstancia, que não posso revelar-vos.

AMEL. Em tudo tendes razão... Mas podeis contar-me como a conhecesteis; dizer-me se a amasteis muito, se durou longo tempo esse amor, se ella vos queria igualmente bem, se era bonita, que idade tinha?... Podeis dizer-me tudo isto.

ARTH. E tudo me perdoareis, inda quando vos diga que era bella; não é verdade?

AMEL. Arthur!...

ARTH. Que?...

AMEL. Olhai para mim. — Quereis-me bem?

ARTH. De todo o meu coração.

AMEL. Estais perdoado.

ARTH. Que indulgente que s'eis!

AMEL. Nada de cumprimentos. — Vamos á nossa historia.

ARTH. Havia oito dias, pouco mais ou menos, que eu estava em Nápoles: habitava junto do Vesúvio uma dessas vilas deliciosas, que bordão o golfo chamado d'Ischia, quando no meio da noite um violento abalo veio acordar-me. Pelo claro avermelhado, que penetrava no meu aposento, pelo sibdar do vento, que atravessava o espaço, pela chuva de fogo, que caia, comeci que ia ser testemunha de uma dessas erupções, que tanto desejava ver. — Apenas tive tempo de me vestir, e de lançar um capote aos hombros; porque

caía degrão da escada tremida e estalava debaixo de meus passos. — Precipitei-me na rua. — Horrivel cousa era ver uma povoação inteira a fugir sobre uma terra movediça, entre duas fileiras de casas, que oscillavão como arvores agitadas pelo vento. — Duas senhoras caminhavão diante de mim sem ninguém, que as acompanhasse, nem protegesse; tomei-as pelo braço. — Divisei uma vedra, que ia dar á praia; segui-a levando comigo as duas senhoras. — Um pescador desamarrava o seu barco, no fito de passar á margem opposta; obriguei-o a que nos desse lugar dentro d'elle; pois, inda que o mar estivesse agitado como por uma tempestade, era todavia menor o perigo sobre elle, que no meio das ruas onde os edifícios desahavão. — Dei algumas peças d'ouro ao Barqueiro, e conduzi as senhoras para uma especie de tenda alevantada na poppa, que podia abrigal-as da chuva de cinzas que caía. — O pescador soltou o panno aos ventos; e o barco partiu por cima das ondas, como um passaro do mar atordoado.

LAUR. Parece um romance, senhor Arthur.

AMEL. Deixai-o continuar.

ARTH. Logo que puz em segurança as duas senhoras, que o acaso tinha collocado debaixo da minha protecção, o desejo de contemplar o espectáculo, que diante de mim se descortinava, tornou-se o meu unico pensamento; encostei-me ao mastro da nossa pequena embarcação, e puz-me a observar: Ah! Não é preciso estudo para o descrever, Amélia... Imaginai uma columna ardente, que se arrojia pelos ares a dezentos pés de altura, e de lá se precipita em linguas de fogo sobre a terra; torrentes de lava incendiada, que saltão em cascatas; um mar de lavaredas, que desce no encontro do outro, e era o lava diante de si, ora recua á vista d'elle, repellido, e repellido quasi ao mesmo tempo... dous elementos que lucifio como dous homens... uma natureza agonizante, que parece implorar misericordia; sombras desgrenhadas correndo á quem, e s'ões sobre a praia em uma atmosfera avermelhada, como os condemnados do Dante. Imaginai tudo isto,

e apenas conceberei a frouxa idea de uma noite em Napoles, no meio do Golfo altanado d'Ischia, durante uma erupção do Vesuvio. — Lá estava em pé, imóvel, com os braços cruzados, os olhos fixos, o peito a arquejar; quando n'um movimento do barco senti um braço encostar-se ao meu, e uma voz dizer por detraz de mim: - não é isto sublime! Voltei o rosto para aquelle lado, e... perdoe-me, Amelia... é aqui que eu peço licença para dizer a verdade sem reflexos... Aquella mulher, vista assim á luz do incendio, com seus olhos negros, seus cabellos soltos, sua côr de Napolitana, que o reflexo do vulcão allumiava com uma luz fantastica, aquella mulher, ah! aquella mulher era formosissima! — Adivinhei que foi ella, a quem amei. — A maneira porque a coplicii, o romanesco do nosso encontro, a facilidade de a tornar a ver, consequencia do serviço, que lhe prestei, a ella, e a sua Mãe, tudo isto formou entre nós um laço, que seu Pai no regresso de uma viagem desfez com uma palavra... Ella era rica, e eu não o sou. — Um dia, chegando á hora do costume, sabe que tinha partido: uma carta sua me annunciou, que obedecia a seu Pai, e ordenava-me que voltasse á França, sem me informar do que era feito d'ella. — Obedecei-lhe, e voltei á patria. — Estaveis então no Collegio, Amelia; vosso Pai fallou-me na vossa pessoa, como n'um Anjo de candura e de belleza. De ha muito me conhecia elle, e me tinha por homem de bem; partia para a Italia; não queria deixar-vos desamparada; e apesar da differença de opinião das nossas familias; por isso que elle era coronel do Imperio, e o sangue Bretão de meu Pai tinha corrido na Vendée; apesar de tudo isto offerrece-me o título de vosso esposo...

AMEL. Que necessastes sem hesitar... Fico-vos muito agradecida.

ARTH. Láda não vos tinha visto, Amelia... e depois...

AMEL. Agora adivinho tudo: foi por desesperar d'esse casamento que elle me deu para companhia, ou antes para irmã a minha querida Laura, filha de um amigo morto ao seu lado em uma batalha... não é assim, Laura?... foi

por isso que me deu Dulau por tutor, fazendo-o vir estar conosco n'esta casa, e vos permitto a vós, senhor Arthur, que viesseis fazer-nos todos os dias uma visita... Não é isto verdade? Ficou alguma cousa por dizer?

ARTH. Sim, Amelia, ficou; porque vos esquecistes de acrescentar, que apenas vos vi uma vez logo desejei ver-vos segunda... Olhei-vos ao principio como uma irmã; vosso caracter que se desenvolveo sem constrangimento na minha presença, fez-me bem depressa envejar a sôrte d'aquelle, que um dia fosse vosso esposo... seguirio-se os zelos... e conclui pensando que podia em mesmo ser esse esposo. — Habituei-me a este pensamento: foi-se apagando pouco a pouco a memoria do meu primeiro amor, que por fim apenas se apresentava como um sonho ante o meu espirito... É sim verdade, que d'elle me recordo ainda, porém sómente como de um episodio m: revulso, e inseparavel d'essa noite, em que vi Napoles tremendo, o mar alevantado, e o Vesuvio em chamas.

AMEL. Ah! mui bello devia de ser isso! — Quero que me leveis a Napoles, meu Arthur: tambem nos chegará a nossa vez de contemplar, um junto do outro, no meio do golfo, uma erupção do Vesuvio; e vereis que apesar dos meus olhos azues, e a minha côr de Franceza, posso tambem ser linda á luz fantastica de um vulcão.

LAUR. Ah! vem Dulau.

SCENA II.

Os mesmos e DULAU.

DULAU (com uma carta na mão.) Boas noticias, boas noticias, meus filhas!...

AMEL. Uma carta de meu Pai?

DUL. É verdade.

ARTH. De Napoles?

DUL. De Lyão.

AMEL. De Lyão! meu Pai em França!... Ah! nãoes um tutor barbaço Dulau!... Mostrai-me depressa a carta de meu Pai!

DUL. E dar-me-has os agradecimentos?

AMEL. Ah! até vos darei um abraço!

ARTH. *(Tira a carta a Dulau)* Devo ser eu o recompensado; Amélia, pois sou o que tenho a carta.

AMEL. *(Lendo para elle)* Oh! vejamos, vejamos!

(Encosta-se Amélia no braço de Arthur; têm ambos ao mesmo tempo. — Dulau olha para elles com ar de complacência, Laura de inveja.)

ARTH. *(Lendo)* * Meu caro Dulau, cheguei esta manhã a Lyão: não me demorei aqui senão o tempo sufficiente para me desenhudar; parto antes de poucas horas; e talvez entre em Paris quasi ao mesmo tempo que esta carta.

AMEL. Quasi ao mesmo tempo, ouvi Arthur!... e quando chegou a carta?

DUL. Esta manhã.

AMEL. E vós só nos dais semelhante noticia ás tres horas da tarde!

DUL. Entrei n'este instante; e agora mesmo m'a entregáto.

AMEL. Arthur, vejamos se o Papá diz mais alguma cousa.

ARTH. *(A.)* Nada me podia ser tão estrangeiro como o que me referes acerca do amor de Arthur para com Amélia.

DUL. *(Interrompido.)* Basta, basta, meu cavalheiro: este negocio é só entre nós ambos; não cá segredos nossos; não vos pertencem.

AMEL. Arthur, entregai-lhe a carta, porque já sabemos tudo o que desejamos. Senhor Dulau, o Papá está a chegar; vossa tutela finda hoje mesmo; e eu dou graças ao ceo, porque tendes tornado bem infeliz a vossa Pupilla! *(Superando-lhe as suas ambições.)* Ouvio, meu rico Dulau?

DUL. Ingrata!

ARTH. Percebeis, Amélia?... Vosso Pai está a chegar; e esta cruel distancia, que nos separava da felicidade, já não existe!... Mas vós não pensaes em tal!...

AMEL. Senhor, eu só penso no prazer de tornar a ver meu Pai; e em quanto o não vir, sem dávida me esquecerei de vós, de Dulau, e de Laura; saltarei como uma louca; correréi por toda a casa, e gritarei: * Meu Pai está a chegar! * *(sentando-se na sala de fora.)* Dito-hei aos creddos, ás minhas rolinhas, e... *(olha para a sala de fora,*

e descobre o Pai) e... ah! ah! meu Pai! (Lança-se nos braços do Barão, que se senta ao fundo da sala.)

DUL. Eil-a, que parece louca!...

ARTH. *(Faltando-se)* O Barão!...

DUL. Dalanmy!...

SCENA III.

Os precedentes e DELAUNAY, entrando (com o chapéo na cabeça, o capote aos hombros, sua filha abraçada ao peçoço.)

DELAUN. Minha filha! minha menina! minha querida Amélia!...

AMEL. Meu Pai!...

DUL. Meu velho amigo!...

ARTH. Senho Barão!...

DUL. *(A Amélia)* Ah! Deixa-me, minha filha. Quero desembaraçar-me deste capote, que me prende os braços, quando tanto careço d'elles para vos abraçar a todos. — *(Tira o capote e o chapéo.)* Ah! meus ricos amigos!... *(Abraça-os)* Agora'sim; deixai-me ver bem minha filha.

AMEL. Então! Papá!...

DUL. Com effeito estais muito feia

AMEL. Isso é lisonja, meu Pai.

DUL. Não... procura a Arthur... Que vos parece Arthur?

ARTH. As minhas cartas que o digão, senhor Barão.

DUL. Sim; temos que fallar a respeito das vossas cartas: não estão ellas muito em harmonia com o que aqui me dizíeis, nesta mesma sala...

ARTH. Perdoadi...

DUL. Que nunca...

ARTH. Por quem sões!... Esta vez intentato...

DUL. E agora?

ARTH. Agora só depende de vós a minha ventura.

DUL. Fallaremos n'isso mais devagar; pois que por agora, postoque muito grande seja a satisfação de vos tornar a ver, ha todavia que fazer cousas de mais ponderação. — Tu, minha Amélia, incumbete do meu sponento, de que não possa esta noite, e onde quero que nada falte. — Laura, tu ficas encarregada do jantar. Temos hospedes: fazo por tanto que todos os creddos estejo promptos. — Vós sêes convidado, Ar-

thor; apenas irás vestir uma casaca; temos senhoras, temos á noite serão, e se Amelia instar muito comigo, dançar-se-ha talvez.

AMEL. Eu insto muito comvoso Papá!

DUL. Mas d'onde te vêm toda essa gente?

DUL. São amigos nossos de Paris, a quem escrevi ao mesmo tempo que a ti... uma reunião a celebrar o meu regresso... uma renovação de antigos conhecimentos. — (*A Amelia e Arthur, que conversão*) Está decidido; dançar-se-ão ambos a primeira contradança... Mas vá cada um ao que lhe cumpre; aliás faltai-vos-ha o tempo... ide... — Até logo, Arthur. — Perdão o incommodo, que te dei, Laura. — Vai, minha filha, vai!... (*Salem todos tres.*)

SCENA IV.

DELAUNAY e DULAU.

DELAUNAY. Ora estamos sós finalmente.

DUL. Ha mais tempo o desejava.

DUL. Que dizes de minha filha?

DUL. Já a viste; que mais queres que diga?

DUL. Tens razão; cada vez mais encantadora! e Arthur!

DUL. É um moço cheio de fidelidade e valor.

DUL. É o conceito que d'elle já fazia. E o Barão de Sorbin?...

DUL. Continúa a protegê-lo. — Já por varias vezes foi offerecido a Arthur o lugar de secretario de uma embaixada.

DUL. E elle tem recusado?

DUL. Bem vê's que acatando era indispensável separar-se de Amelia.

DUL. Logo amfo-se?

DUL. Como laços.

DUL. Ainda bem... Mal sabes, Dulau, quanto me é grato o ver que tens perdido os teus hábitos de solteiro; para adquirir os de Pai de familias!

DUL. Meus hábitos!... Se eu fiquei solteiro para os não adquirir! — Vim para tua casa; e então! foi para mim um prazer, uma distracção, uma felicidade... Tens filhos divertido-me; e o vel-os tornava-me ditoso. — Se eu fosse casado,

minha mulher se incommodaria com isto, ou toda a minha familia teria de vir para tua casa, o que por certo não era facil; e não poderia ter prestado a um excellento amigo um serviço, que por si mesmo é sufficiente recompensa. — Nem todos os velhos solteiros são egoístas, Delaunay; como para tomar qualquer resolução não tenho a consultar senão a minha propria vontade, fica-me livre sujeita-a á dos meus amigos; e como sou preguiçoso, são elles que devem viver por mim; elles pensão, e eu obro; e não sei dar mais que duas respostas a quanto me propozarem: — quero, ou não é-me indifferente. — Hábitos!... não sabes tu que um habito perdido arrasta ás vezes um homem á sepultura?

DUL. Tens razão, Dulau; és o mellhor homem do mundo. — Está decidido; não sou eu quem te devo agradecimentos, és tu que... A proposito como te davas com o teu aposento?

DUL. Excellentemente.

DUL. Estimo; e apesar de ter findado a tua tutoria, espéro que nem por isso nos deixarás.

DUL. Ficarei com muita satisfação.

DUL. Agora diz-me porque desejava tanto fallar a sós comigo?

DUL. Ah! é porque não queria perguntar-te na presença de teus filhos se tinhas enloquecido.

DUL. Como assim!?

DUL. Chegas d'uma viagem enfadado; como deves de vir; e em lugar de te desenfadares e descansar; começas a fallar em serões, em bailes...

DUL. É então?

DUL. Percebó. Visto isso, o sol de Nápoles deu-te volta ao miolo!

DUL. A mim?... Eu sou o mesmo homem.

DUL. Quero dizer isto, que te desconheço, Delaunay; até o estilo de tuas cartas está mudado; se não fosse a assignatura affirmo-te que as julgaria escritas por algum moço enamorado, Arthur por exemplo.

DUL. (*Rindo*) Ah!

DUL. E depois, quando te torno a ver, quando tuas cans me provão que és o meu velho amigo, eis que principias a fallar-me em bailes, em partidas, em funcções... Aposto que tambem danças!

DEL. Porque não?

DUL. E as tuas quinze campanhas?

DEL. Já me não lembrão.

DUL. E os teus ferimentos?

DEL. Já os não sinto.

DUL. Meu amigo, fallemos com franqueza: tu dá-me cuidado.

DEL. E tu causas-me lastima.— Mas fallemos tambem com franqueza, Dulau; não virá a velhice demasiado cedo sem que seja preciso andar ametade do caminho ao seu encontro? Demais disso, quem nos faz velhos? Confessa que não é a idade, são as doenças. Que importa que pêssem sobre mim 59 annos, se o meu coração activo, e ardente parece palpitar ainda dentro de um peito de mancebo!... Dulau, é verdade o que disseste, isto é devido ao sol de Nápoles, á sua atmosfera animadora, com a qual se bebe a vida... é devido á felicidade de ver que Amelia e Arthur realisão com o seu mutuo amor um dos meus mais doces sonhos e desejos... é devido ainda a outra coisa, que mais tarde se saberá.

DUL. Vamos, vamos adiante.

DEL. Mas tu, Dulau: torno a repetir-te; causas-me lastima... Muito envelheceste depois que te deixei!

DUL. Tenho mais um anno...

DEL. Esse chinó desfigura-te.

DUL. É o mesmo, com que sempre me viste.

DEL. Ah! Dulau, Dulau! muito envelheceste!

DUL. Tenho sessenta annos, tres mezes, e um dia; — quatorze mezes justamente mais do que tu.

DEL. Ora pois, Dulau! aposto que se tivesses uma mulher nova, formosa, um pouco tafula, e requeira, pela sua parte, e pela tua, que lançasse ao fogo o teu chinó, e te decidisse a usar de pantalonas justas, e a mandar fazer uma casaca nova, não parecerias amanhão ter mais de quarenta annos.

DUL. Sim, mas sempre saberia que tenho sessenta annos, tres mezes, e um dia.

DEL. Esquece-o-hias ao menos alguma vez.

DUL. E se minha mulher m'o fizesse lembrar?...

DEL. Pois não acreditas tu, que

existão n'este mundo seres angelicos, creados para felicitar todas as épocas da nossa existencia? e que possam recomendar-nos com amor de esposas, e filhas os cuidados, que lhes prodigalizamos como esposos e Pais? que no verdel da mocidade se prestem a servir de umparo a um velho, a acompanhá-lo até ás portas da morte... e a recollir o seu ultimo suspiro ao fugir da vida?... Julgar que a ventura, e o amor são sómente concedidos á mocidade, e que estes brilhantes sóes da alma só derramão sua luz consoladora sobre uma parte da vida do homem, é duvidar da bondade de Deos, Dulau, é blasfemar.

DEL. Uma palavra, meu rico! Aterro-me as expressões, que proferiste... Nem sou atreu, nem blasfemo, sou medroso.— Os entes, que me descreveste, são excepções da especie.

DUL. Assim será: mas não poderás tu encontrar uma excepção?

DEL. Meu amigo não tenho eu a fatuidade de acreditar que o ceo formára essas excepções para mim... Demais, tu, que assim pregas aos outros, porque não te casas segunda vez?

DUL. Bem poderia acontecer.

DEL. Ah!

DUL. Que dicias tu n'esse caso?

DEL. Que tens razão, se isso te faz conta.

DEL. Mas tu?...

DUL. Eu! cá ficarei solteiro.

DEL. Chiton!... que chega Amelia.

SCENA V.

Os precedentes e AMELIA, tomando o braço de seu Pai, e logo LAURA.

AMEL. Já acabei meu Papá.

DEL. Está tudo prompto?

AMEL. Tudo.

DEL. (Abraça-a.) Agradecido, minha filha.

LAURA. (Entra pela outra porta.) Senhor Barão...

DEL. Que quereis?

LAUR. Dizeis-me os nomes, e o numero dos convidados?

DEL. Vem cá. (Dá-lhe o outro braço.)

Aqui tens a relação.

AMEL. Dezeuove talheres.

LAUR. Fico certa.

DEL. Da ordem para que se ponhão vinte; falta ahí um nome.

LAUR. Como devem ser distribuidos os lugares?...

DEL. Eu no meio.

LAUR. Amelia direita?

DEL. NÃO: Amelia cederá a presidencia á pessoa, cujo nome ahí falta... Amelia assentar-se-há á minha direita, tu á minha esquerda: — ficarei como agora estou no meio das minhas duas filhas... Ouvis?

AMEL. Sim, meu Papá.

LAUR. Então a pessoa, que occupa a cabeceira, é uma senhora.

DEL. É uma senhora. — Dar-lhe-has lugar entre Arthur e Dulau. — O resto dos convidados, accommoda-os á tua satisfação.

LAUR. Vou fazer cumprir as vossas ordens.

AMEL. Se é um jantar de cerimonia, meu Pai, será preciso ir-me vestir.

DEL. Nada, é um jantar de amigos. — Basta que ponhas uma flor na cabeça.

AMEL. Mas temos uma pessoa estranha, a senhora, que nos fica defronte.

DEL. E quem te disse, Amelia, que era uma pessoa estranha?

AMEL. Ah! é verdade... eu sou louca! — Laura, em acabando virás ao meu quarto: pensar-nos hemos ambas da mesma sorte (*abre ambas pelas duas portas lateraes*).

UM ESCUDEIRO. (*Apparecendo no fundo*) Está alli um creado estrangeiro, que deseja fallar ao senhor Barão.

DEL. Sei quem é: faze-o entrar. — A ti, Dulau, se me é dado aconselhar-te, direi que mudes de vestuario; ao menos se não queres parecer o Avô de Amelia.

DEL. Teria eu n'esse caso um filho hem louco, meu rico Delaunay.

DEL. Pôde ser... Mas convens nisto, não é assim?

DEL. Eu quero o que tu quizeres. (*Delamay acompanha-o pela mão; e quando volta deixa Paulo em pé á porta do fundo.*)

SCENA VI.

DELAUNAY e PAULO.

DEL. És tu Paulo?...

PAULO. Venho mandado da senhora Theresa perguntar ao senhor Barão a que horas poderá ella vir.

DEL. Pôde vir já; *(Toca uma campainha, e entra um escudeiro)* Que ponhão a carruagem prompta. (*O escudeiro sai.*) Paulo, tu deves ir procurala outra vez, e faze-la conduzir aqui.

PAUL. Vou satisfazer-vos.

DEL. Diz-me: ella já tinha saído do toucador?

PAUL. Sim, meu senhor.

DEL. E estava bem vestida?

PAUL. (*Retrahe-se*) Estava que parecia a MADONA D'ISCHIA.

DEL. Espera um pouco, Paulo: a carruagem ainda não está prompta. — Eu gostô de fallar contigo a respeito de Theresa; porque deixaste a Italia para a acompanhar. — Só pôs ambos em toda a França conhecidos o Theodoro, que eu possuo... Dize-me, Paulo, não é verdade que sou um homem ditoso?...

PAUL. (*Commovido profundamente*) Sim!...

DEL. E se ella tiver saudades de Napoles, do seu ceo azulado, do seu golfo, do seu ceo, tu has de ajudar-me a consolala, trazendo-lhe á lembrança tudo isto... não é assim, Paulo?

PAUL. (*Com amargura*) Eu?...

DEL. Neste paiz estranho tu és para tua ama alguma coisa mais que um creado; és um compatriota.

PAUL. Senhor Barão, quando ha tres annos deixei nas praias de *Ponzoie* o barão, que meu pai me havia legado juntamente com a liberdade, para servir como creado a senhora Theresa del Monte... sabia eu muito bem que d'então em diante ia occupar junto della um lugar inda abaixo do seu cão mimoso, o lugar de servo... Para ella pois sou um servo, e nada mais; ella manda-me, e eu obedeco... para os outros sou Paulo.

DEL. Diz-me, Paulo, especiei-me em alguma vez d'essas convenções, que á primeira vista me parecerão extraordinarias... mas que logo comprehendi ape-

nas Theresa me disse, que por occasião de um tremor de terra tu com o teu barco lhe tinhas provavelmente salvado a vida, e a de sua Mãe... dize-me, Paulo, especificas em alguma vez?... Aquelle, a quem devo a vida da minha Theresa, tem graça à arguir-me de alguma palavra sinistra, do algum gesto offensivo?

PAUL. Não, senhor Barão: e por isso vos sou grato.

DEL. E se te lembrassos de ser aos nossos olhos alguma cousa mais do que um creado?...

PAUL. Nunca me lembrei de tal, senhor.

DEL. Quando me conheceres melhor, Paulo, espero que então não estabeleças entre mim, e tua zima differença de especie alguma... Até esse tempo terei todo o cuidado em que só della recebas ordem. — Abi vem gente... silencio! porque nada d'isto inda aqui se sabe.

SCENA VII.

Os mesmos, e ARTHUR.

ARTHUR. *(Da porta, pondo o chapéo sobre uma cadeira, sem ver Paulo, e sem se visto d'elle)* Senhor Barão, a carruagem está prompta.

DEL. Obrigado, meu amigo. — Paulo...

PAUL. Eu lá vou já!
(Arthur e Paulo encontram-se no limiar da porta, e fello ambos estupefactos na presença um do outro.)

ARTH. Paulo!...

PAUL. Arthur!...
(Delamay volta-se: Paulo faz uma cortezia, e sãe.)

SCENA VIII.

(Os precedentes, AMELIA e LAURA, entrando ambas por uma das portas lateraes, logo DULAU, o GENERAL CLEMENTE, o BARÃO DE SORBIX, VARIOS CONVIDADOS, e um ESCUDEIRO annunciando successivamente cada um que entra.)

AMEL. Dar-se-ha caso, que já nos queirais deixar, meu Pai?

DEL. Não, minha filha... E porque dizes isso?

AMEL. Vi a carruagem prompta...

DEL. Procura a Laura: eu aposto em como adivinhars para onde ella vai.

LAUR. Conduzir a pessoa desconhecida.

AMEL. O Papá! quem é essa pessoa?

DEL. É o cuidado que essa pessoa vos dá!... Todos, até o proprio Arthur, fôrão pensativos com o mysterio.

ARTH. *(Saído da distracção, em que estava)* Em!...

AMEL. Enganais-vos meu Pai: é uma cousa, que me inquieta o menos possivel. — Arthur, que vos parece o meu pensamento?

ARTH. Solfrível.

AMEL. O que estaes hoje de sem-sabor! Tive todo este trabalho para vos parecer bem; e a resposta é: «solfrível!» *(Fé Dulau, que entra)* Mais valêra vestir-me para Dalau.

DEL. *(A Delamay, mostrando-lhe seu novo traje)* Que me dizes agora?

DEL. Ah! isso sim! não pareceis o mesmo!

DEL. Don-te parte de que vi já entrar alguns dos teus convidados.

UM ESCUDEIRO. *(Da sala de espera)* O senhor General Clemente.

DEL. *(Inda para elle)* Meu antigo camarada! — Pelo que vejo tornasteis a entrar no serviço!

O GENERAL. Sim, meu amigo: e vós?

DEL. Eu, general?.. Forão demasiado injustos comigo para que eu me exponha a novas injusticas. — Aqui tendes minha filha: fazei-lhe os vossos cumprimentos.

O ESCUDEIRO. *(Annunciando)* O senhor Conselheiro Barão de Sorbix.

DEL. Sêds muito bem vindo, nosso protector! Agradeço-vos sobremaneira não vos terdes esquecido d'este moço.

O BARÃO. Como esquecel-o!... Espero que façamos d'elle um dos nossos primeiros Diplomatas; e se elle tiverse querido deixar Paris, já estaria...

DEL. *(Interrompe-o)* Eu conheço as razões, que elle tem para não sair daqui.

O ESCUD. *(Annunciando successivamente muitas pessoas)* O senhor d'Artigues, o senhor Chabannes, etc. etc.

(O Barão vai successivamente para cada um dos cavaleiros. — Sentença de repente entrar uma carruagem no patco.)

ARTH. (A' parte) Uma carruagem!...

DEL. (A' parte) Ella... Ah! como apenas olhar para minha filha... coitadinha! julgará ella que eu a estimo menos!... (Todo para ella) Amélia!...

AMEL. Então, meu Pai! que é o que tendes? treme-vos a mão!...

LAUR. (A Arthur, do outro lado do Theatro) Como estaes pallido, senhor Arthur!... Tendes alguma cousa?

ARTH. Eu!... nada...

DEL. Minha Amélia, se imaginas que a pessoa, a quem espero, póde prejudicar tua futura felicidade, perdoa a teu Pai não te haver consultado, perdoa...

AMEL. Jesus! mas quem é essa pessoa?

DEL. Vais sabel-o: ella está a chegar... ella vem! (Dirigindo Paulo á porta) Ell-a!

PAUL. (Anunciando) A senhora Baroneza Delaunay.

(Aparece Theresa. — Espanto geral.)

ARTH. E ella!

SCENA IX.

Os precedentes, e THERESA.

DEL. (Vai-lhe ao encontro e offerece-lhe a mão) Sim, meus amigos, aqui tendes minha esposa, a senhora Baroneza Delaunay, que tenho a honra de vos apresentar. — (A Theresa) Senhora, ea aqui minha filha, em quem tanto vos

tenho fallado: tomar-vos-hão muita vez por irruña sua.

THERESA. Não, senhor Barão, porque eu a tratarei com affecto de mãe. (Abraça Amélia, que interdita não sabe levantar os olhos.)

DEL. (Conduz sua esposa a Dulan) Dulan, o meu mais estimado e antigo amigo.

TERR. Espero, senhor, que tereis a bondade de não fazer distincção entre a esposa e o marido.

DEL. Seguramente, senhora, eu...

DEL. Dulan, é uma daquellas excepções, em que ha pouco se fallava. (Procura Arthur, que se occulta, e apresenta-o a Theresa.) Eis o meu futuro genro, querida Theresa, o Senhor Arthur de Savi-gny.

TERR. (Não osando levantar os olhos) Senhor...

ARTH. Senhora...

PAUL. (Da porta, notando a perturbation de sua avia, e de Arthur.) Senhor Barão, dá-se-vos parte de que está o jantar na mesa.

DEL. Meus amigos, offerecei o braço a estas Senhoras. — Arthur, minha esposa espera pelo vosso. (Dá o braço a uma senhora; o general offerece o seu a Amélia; o Conselheiro a Laur. — Arthur e Theresa hantão um instante em face um do outro) Então!...

ARTH. (Offerece-lhe o braço) Theresa!...

TERR. Arthur!...

(Os dois sãem primeiro; seguem-se o resto da sociedade; Paulo examina-as.)

PAUL. (Cabeça sobre uma cadeira) Santa Maria! tende misericórdia de mim!

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO SEGUNDO.

(A mesma decoração.)

SCENA I.

DELAUNAY e THERESA, (saído do seu quarto.)

(Depois de se sentar Theresinha ao lado da mãe, com o rosto, um tanto, que traha de má.)

DEL. **T**Em paciência, minha Theresa, com o trabalho, que vou dar-te; mas um vinho, que se casa, deve brindar igualmente a tua mulher, e a tua filha; — e a quem poderá eu melhor que a ti encarregar estas compras?

THER. Fica descansado, meu esposo; eu me encarrego de as fazer.

DEL. E se vos agrada algum desses chales, ou enfeites novos, comprai dois em vez de um, Theresa... percebeis?

THER. Como são bondadoso! — Está que quantia posso eu despendar na compra dos regalos, que destinás a vossa filha?

DEL. Dizei: « a nossa filha »... nem se espante esta palavra; porque as pessoas, que te virem, saberão muito bem, que de Mãe não tens mais que o nome.

THER. Sim, mas eu não estou ainda habituada a isso... acostumar-me-hei com o tempo.

DEL. Agradecido. — Tu podes despendar n'estas compras até doze mil francos; bem entendido, que os chales e enfeites, que te agradarem, não são comprehendidos nesta conta.

THER. Agora compete-me a mim também agradecer. — Farei por não abistar.

DEL. (sternoa) A Deus, querida filha; não te demores muito (Seguindo-a com os olhos na sala de espera.) A Deus.

(Quando volta de volta Dulau.)

SCENA II.

DELAUNAY e DULAU.

DEL. Ah! és tu, Dulau?

DEL. Em pessoa. — Muito boas dias.

DEL. Dormiste bem?

DEL. Essa é boa! O meu quarto lança para o pátio; não se ouve o mínimo estrondo... Estou allí optimamente.

DEL. Meu pobre Dulau, vejo-me na necessidade de te fazer mudar de aposento.

DEL. Como assim?

DEL. Se minha filha casar, como espero, o quarto, que habitas, e que é minimamente grande para ti...

DEL. Será muito proprio para os noivos.

DEL. Porém o aposento actual de Amelia...

DEL. É encantador.

DEL. E tu consirás em mudar para elle?

DEL. Seguramente.

DEL. E que lança para a rua, e logo de madrugada o barulho...

DEL. Oh! isso é-me indifferente.

DEL. Es um excellente homem.

DEL. Não, Delaunay: sou solteiro; e um homem solteiro está bem em toda a parte.

DEL. Viste minha mulher esta manhã?

DEL. Jada não.

DEL. Continuas a dar-te bem com ella?

DEL. Porque não! ella trata-me com tanta bondade!

DEL. Ora' deves confessar que fiz bem em me tornar a casar.

DEL. Achias-te tu mais feliz do que quando estavas solteiro?

DEL. Mil vezes mais.

DEL. Então fizeste bem.

DEL. Uma só cousa me dá pena.

DEL. Qual é?

DEL. Vejo entre Amelia e Theresa certa frieza, que não sei a que attribuir. — Hontem ralhiei com Amelia; e ella poz-se a chorar.

DEL. Oh! quando ellas se conhecerem melhor...

DEL. Tens razão. — Que tencionavas fazer esta manhã?

DEL. Dar um passeio ao *Boulevard*.

DEL. E porque desejava que me ajudasses a preparar as aulas das escripturas de minha filha, e Arthur.

DEL. Conta comigo.

DEL. E o teu passeio?...

DEL. Dal'ouhei mais tarde.

DEL. Tu és o modelo dos amigos, Delau! não sómente fazes o que elles querem, mas, o que mais raro é, deixas-lhe fazer quanto elles desejão.

DEL. Meu caro Delannay, a amizade é para a maior parte dos homens uma palavra, que disfarça a tyrannia, um meio de qualquer sujeitar os outros aos seus hábitos e opiniões. Diz-se que ella vive de sacrificios, a amizade; em não sou d'esse parecer: de que ella vive como todas as outras coisas santas é de liberdade. — Eu, Delannay, tenho poucos amigos, mas quero-lhe bem por elles, e não por mim; se estou seis mezes sem ver algum, digo comigo mesmo: tanto melhor; quando o tornar a ver abraçai-o-hei como que se voltasse de uma viagem; — e não me ponho mal com elle por semelhante motivo. Escandalisar-me-hia, sim; quando soubesse, que soffria algum pezar, e não mo vinha confessar, estando em meu poder dar-lhe alívio; o que me offenderia da sua parte não seria o esquecimento, mas a dúvida. — Vamos trabalhar, Delannay.

DEL. Vem cá. (*A Paulo na sala de capela*.) Não fallo a ninguém, que me procurar, ouvis, Paulo?

SCENA III.

PAULO, (*ab, corre a levantar do chão e ramo, que Theresa deixára cair.*)

Cuidei que ficavão aqui eternamente... — (*Pega no ramo e beijão.*) Vinte vezes estiverão a ponto de o calcar. (*Beija-o outra vez; e ao voltar-se debruça Arthur.*) Arthur... sempre!

ARTH. (*Entrando.*) A senhora Baroneza Delannay?...

PAUL. A senhora Baroneza não está em casa.

ARTH. (*Olhando para elle*) Ella ordenou-vos que dissesseis isso, Paulo, ou é certo que não está em casa?

PAUL. A senhora Baroneza não.

ARTH. Sócinha?

PAUL. Sócinha.

ARTH. O Barão?...

PAUL. Está no seu escriptorio.

ARTH. Amelia?...

PAUL. No seu quarto.

ARTH. Estamos sós?

PAUL. Acredito que sim.

ARTH. (*Olhando para elle.*) Vós dedicais-vos fielmente ao serviço de vossa ama, Paulo?

PAUL. Perguntai-lho.

ARTH. Esabeis guardar um segredo?

PAUL. (*Retendo no peito.*) Ha tres annos, que aqui tenho um escondido.

ARTH. Lembrais-vos da noite do terremoto, em que eu entrei com ella no vosso harem?

PAUL. Se a tivesse esquecido, não estaria agora aqui.

ARTH. Desde essa noite que amei a Theresa...

PAUL. Bem o sei.

ARTH. Fui amado por ella.

PAUL. (*A parte*) Desgraça!...

ARTH. (*Repetindo*) Fui amado por ella.

PAUL. Eu bem ouço, senhor!

ARTH. Pois bem! então... é mister que eu lhe falle.

PAUL. E se ella de proposito evita ha tres dias a vossa presença...

ARTH. É mister que eu lhe falle, digo-to eu.

PAUL. Quando?

ARTH. Hoje para partir amanhã.

SCENA V.

Os mesmos, e DELAUNAY.

PAUL. *(Com satisfação)* Vós partis?...
 ARTH. Mal tenha acabado a minha entrevista.
 PAUL. Escrevei.
 ARTH. Para lh'a pedir?
 PAUL. Sim.
 ARTH. E a carta?...
 PAUL. Eu lh'a entregarei.
 ARTH. Meu amigo!...
 PAUL. Oh! não me deis os agradecimentos.
 ARTH. Quando entrará ella?
 PAUL. Brevemente.
 ARTH. E será entregue do meu lado?
 PAUL. Apenas entrar.
 ARTH. *(Basta uma folha da sua carta.)* Em escrevo. *(Lança algumas palavras sobre o papel.)*
 PAUL. Dai cá.
 ARTH. A resposta?
 PAUL. Embara no vosso quarto cinco minutos depois de me ter sido entregue.
 ARTH. Oh! tamanho fervor em servir-me!...
 PAUL. *(Rindo)* Não vos é possível comprehender o motivo.
 ARTH. Sinto rumor no quarto de Amelia... Não se faz mister que ella me veja... Adeos.
 PAUL. *(Fazendo afastar-se)* Insensato!...

SCENA IV.

PAULO, e AMELIA.

AMEL. *(Entrando rapidamente)* Paulo...
 PAUL. Senhora?...
 AMEL. Estaes sózinho?... Julgava Arthur comvosco.
 PAUL. Saio daqui n'este instante.
 AMEL. Elle não perguntou por mim?
 PAUL. Não senhora.
 AMEL. Sabeis porque não entrou para me ver?
 PAUL. *(Olhando para a carta)* Não sei.
 AMEL. *(Fazendo menção de entrar)* Ha dois dias que apenas o vejo; e sempre distraido, preocupado... E celebre!

DEL. *(Do limiar da porta.)* Então! Amelia...
 AMEL. Meu Pai...
 DEL. São onze horas, e ainda não vieste dar-me os bons dias, nem abraçar-me!...

(Faz signal a Paulo para que vá.)
 AMEL. Recio sempre incommodar a Senhora Baroneza.

DEL. Outra vez a Senhora Baroneza! Amelia, queres je novo affligir-me?

AMEL. Tal não é a minha intenção, meu Pai...

DEL. Porque não dizes Maman?

AMEL. Não posso.

DEL. Amelia, chama-se a isso ser teimosa!

AMEL. Ah! não, Papá, eu vol-o asseguro...

DEL. Gusta-te acaso a pronunciar esse nome?

AMEL. Estava habituada a dal-o a outra.

DEL. E Deos sabe como eu amei aquella, a quem o davas!

AMEL. Então, meu Pai, porque motivo...?

DEL. Repreñdes-me, Amelia!...

AMEL. Oh! não... mas quando morreo a minha pobre Mãe, não julgava eu que me fosse um dia preciso dar este nome a outra; e custa-me a habitar a isso.

DEL. Amelia! Tu estás a affligir-me!

AMEL. Ah, meu pai, se eu já suppozesse...

DEL. Escuta-me; e conversemos um instante. — *(Sentão-se)* Minha filha, eu nunca fui perfeitamente feliz.

AMEL. Oh! eu creio não ter tido culpa...

DEL. Não, pelo contrario; porque ia eu acrescentar que era a ti que devia os unicos instantes de ventura, que tenho experimentado.

AMEL. Agradecida!

DEL. Em amava tua mãe... ardentemente...

AMEL. Coitadinha de minha mãe!...

DEL. Ora pois, Amelia, durante os dez annos que ella foi minha esposa as

guerras contínuas do imperio, não me deixaria livres mais que seis mezes para estar com ella; era mister deixal-a a cada instante... deixal-a em lagrimas, porque poucos homens chegavam ao fim do caminho sangüinolento, que abrimos através da Europa; longas e mortíferas erão as batalhas de Napoleão!... Elle caio... era eu coronel... Sua queda interrompeo a minha carreira: eu não pude obter, exceptuando o meu grão, nenhuma dessas distincções, que inflamão de alegria o coração de um soldado; a mesma cruz só por elle me foi concedida em 1815. O novo governo prohibio-me de usar della, ao passo que a prostituia a outros... Restava-me tua mãe: ella ia consolar-me de todos estes pezares... ella morreu, Amelia!

AMEL. (*Ciora*) Meu Pai! meu caro Pai!...

DEL. Então todo o meu amor se concentrou em ti. Ora pois, Amelia, quanto mais se amontoava sobre a tua pessoa todas as minhas affeições paternaes, quanto mais te via crescer, e tornar-te formosa, tanto eu tremia considerando em os novos pezares, que traria consigo a nossa separação.

AMEL. A nossa separação!... não separar-nos! nós, meu pai?... nunca!

DEL. Minha!... e Arthur?... e o teu casamento?...

AMEL. Oh! se eu casar com elle, é com a condição de nunca me tirar da companhia de meu Pai.

DEL. Tu não sabes, pobre filha, quanto te custaria a ti mesma um dia a cumprir essa condição, que hoje lhe impões! Tu conhecerás mais tarde a força, com que prendem o coração os affectos de esposa, e de mãe!... A natureza olha sempre para diante, Amelia, sem fazer caso dos que deixa atrás de si velhos e enfiados. Supponhamos pois, que a profusão, que Arthur abraçou, o obrigava a ir para longe de Paris; tu o acompanharias; tu me deixarias, inda a despeito das minhas lagrimas, e sem que tivesse ao menos o direito de me queixar, porque também outra ora deixei meu pai a despeito das suas... Eu ficaria então velho, e sóinho... Não tive animo para encetar esta situação. — Em Napoles, onde, como sabes, a necessidade de tratar dos

meus negocios me tinha conduzido, em Napoles encontrei um Anjo de amor e de pureza, que só a ti pude comparar, minha filha... Prometteu-me ella, não o seu amor... que não ousava exigi-lho, mas aquelles affectuosos carinhos, que podem simultaneamente provir d'uma filha, ou de uma esposa. — Amelia, disse eu consigo, apreciará o seu espirito distincto, as suas excellentes qualidades, e será sua amiga; Theresa verá a minha Amelia, e ficará encantada da sua ingenuidade e candura. Em quanto se quizerem bem e estiverem comigo,erei completamente ditoso; quando uma dellas me deixar não sofferei ao menos senão metade de uma desgraça.

AMEL. Ah! não sou eu a que vos deixarei!

DEL. Eis aqui o que eu pensei, minha filha; e se tratando da minha felicidade desocorreei alguma porção da tua, perdoa-me, perdoa a teu pai, que não podia tal prever.

AMEL. Perdoar-vos, meu pai!... Eu é que eston nos vossos pés; eu é que vos peço perdão de vos ter affligido... Mas a culpa talvez não seja só minha: a senhora Baroneza...

DEL. Continúa!

AMEL. Maman! maman!... enganai-me.

DEL. Amelia, tu és injusta; Theresa é tão boa como bella.

AMEL. Sim, papá, a maman é boa e bella, mas não é minha amiga.

DEL. E porque?

AMEL. Que sei eu?... Mas silencio!... é ella, que entra... papá, não lhe digas uma palavra acerca d'isto... Olhai, talvez a culpa tenha sido minha... sim, sim, agora me lembro... ella teria vindo para mim se a minha frieza a não suspendesse... Eu vou pedir-lhe perdão na vossa presença.

DEL. Não, não: a minha presença conteria talvez os sentimentos d'ambas; fariacs por complacência, o que eu quero por convicção... Fica sózinha, minha filha; aguarda a minha esposa... tua mãe... só tão affivel para ella como és para mim... Vem depressa annunciarme, que se não encontraste n'ella o que Deos não dá senão uma vez, como a vida, uma mãe; ao menos te trouxe eu

uma boa e excellente amiga. — A Deos, minha filha; deixo-te para ir com Dulau occupar-me nos negocios teus, e de Arthur. — Terás cuidado de que não vão incommodar-nos.

AMEL. A Deos meu pai, ... Ficareis satisfeito comigo, ... sereis ditoso. . . A Deos!

SCENA VI.

AMELIA, e depois THERESA.

AMEL. *(solinha.)* Ah! muito me custará a chamar a esta Italiana minha mãe! ... se eu desse crédito a presentimentos, diria que d'ella me virá ainda mal. . . Eil-a!

THER. *(A parte.)* Em toda a parte esta rapariga!

AMEL. *(A parte, olhando para Theresa.)* E estranho! Parece que experimenta para comigo a mesma antipathia, que eu para com ella. . .

THER. *(A parte.)* Dentro em tres dias será sua esposa. . . a esposa de Arthur! ... Ah! ... *(Fal para entrar no quarto de Isabella.)*

AMEL. *(A parte.)* Como! ella vai-se já. . . — *(Alto, suspendendo-o.)* Perdona! ... meu Pai e Dulau estão agora occupados. . .

THER. A fazer o que?

AMEL. As minhas escripturas!

THER. *(Cora aversura.)* Ah! sim. . . Não é insubliã, que se assigno?

AMEL. Assim o creio.

THER. *(A parte, com um suspiro.)* As escripturas do casamento de Arthur!

AMEL. *(A parte, muito baixo.)* Vamos, é forzoso! ... Maman. . .

THER. *(A parte.)* Sua mãe! . . .

AMEL. Meu pai quer que nós conversemos. . .

THER. Pois fallai, senhora Amelia.

AMEL. *(Triste.)* Ah! se me chamares senhora Anselma, não poderei eu chamar-vos mamam. . .

THER. Mas quem vos obriga a chamar-me assim?

AMEL. O Papá é que o deseja. . .

THER. E custa-vos?

AMEL. Eu não digo isso. . . mas. . .

THER. Mas que? . . .

AMEL. Não é tão nova, que vos chamaria antes minha irmã.

THER. Percebo: querer-me-lheis antes para irmã, que para mãe? . . .

AMEL. Oh! é verdade. . . porque então meu pai nos estimaria igualmente a ambas. . . em quanto que. . .

THER. Acabai. . .

AMEL. Em quanto que já recebi, que elle vos quizesse mais do que a mim.

THER. Acreditava eu actualmente o vosso coração muito cheio de outro sentimento para poder conhecer. . . inda que assim fosse. . . que eu lhe tinha roubado alguma porção do affecto paternal.

AMEL. Ah! que sentimento pôde por ventura substituir a minima porção, que se perca do amor de um Pai?

THER. O que experimentaes para com o senhor Arthur, e elle para com vós não seria uma compensação sufficiente?

AMEL. Oh! não senhora! . . . Isso é tão differente?

THER. Como é pois que o amaes? . . .

AMEL. A Arthur?

THER. Sim, e Arthur.

AMEL. Um pouco mais que a Laura, mas menos que a meu Pai.

THER. Menos?

AMEL. Sim.

THER. E chamaes a isso amar? . . .

AMEL. Escutai, mamam. — *(Theresa aproxima-se.)* Eu ouvi fallar muito em amor no collegio; fizão-me d'ella pall pinturas differentes; dizião-me as commoções que trazia comigo. . . Quando Dulau me apresentou o senhor Arthur, confiando-me os projectos de meu Pai a seu respeito, disse eu para mim: era vom finalmente conhecer o amor! . . . Então, cada vez que elle me deixava interrogava eu o meu coração em procura das novas sensações, que o amor deveria nelle produzir. . . Mas que! tudo era baldado: nada me denunciava a presença de semelhante amor. Habituei-me a ver Arthur; sinto prazer quando elle está comigo; acredito que fará a minha ventura, e eu a sua; desposar-o-hei satisfeita; porque sei que meu Pai muito o deseja, e ha longo tempo. — Eis aqui tudo o que eu experimento, mamam. . . É isto o que se chama ter amor?

THER. *(A parte, com alegria.)* Grande Deos! . . . — *(Alto, e apertando-lhe a mão.)* Sim, minha menina.

AMEL. Oh! lada bem! Eu receava

tanto de não ter para com Arthur mais que amizade!

THER. Anclia, se amanhã souberes, que Arthur era vosso irmão, tornar-vos-hia isto desgraçada?

AMEL. Oh! não... Pelo contrario, porque então, perceberis mamãe? o papai talvez me não casasse: e eu não deixaria deixá-lo.

THER. (*A' parte.*) Ella não lhe tem amor!... — (*Respirando.*) Ah!!

AMEL. Meu Deus! como eu vos julgava mal!... Oh! se eu ha pouco soubesse que três tão boa como sões, não teria meu Pai necessidade de me ralhár para eu vos chamar mamãe.

THER. (*Abracando-a.*) Minha filha, minha querida filha!...

AMEL. Ora vêde pois quão insensata eu era em ter receios e inquietações por semelhante cousa!

THER. E já os não tendes, não é assim?

AMEL. Ohai, mamãe, se eu agora descondiasse, que o papai me não queria tanto, seria a vós que me queixaria; e vós lhe pediríeis para que me quizesse mais, não é verdade?

THER. (*Com abundancia.*) Ah! quem haverá que não te queira bem, querida menina? Quem haverá que não te queira bem minha querida filha!

AMEL. Minha mãe!...

THER. Um abraço...

AMEL. (*Abracando-a.*) Oh! mamãe! que d'isso, que sou!... quanto te quero!... que alegria será a de meu pai!... Ah! corro a dizer-lhe, que já nos tratamos por tu. (*Sae, salutando de satisfação.*)

SCENA VII.

THERESA, depois PAULO.

THER. Ella não ama Arthur!... ella não o ama!...

PAUL. (*Da porta.*) Senhora...

THER. Sôes vós, Paulo?... Que tendes?

PAUL. Uma carta.

THER. (*Abrudando.*) De quem?

PAUL. D'elle.

THER. Que vejo!...

PAUL. Elle parte.

THER. Quem t'o disse?

PAUL. Elle mesmo.

THER. Fallou-te no seu amor?...

PAUL. Em que queríeis que elle me fallasse?

THER. Indiscreto!

PAUL. Desgraçado!...

THER. É logo verdade, que inda me ama?

PAUL. Como em Napoles.

THER. Fel-te confidencia d'isso?

PAUL. Renovou-m'a.

THER. É verdade; tinha-me esquecido, que tu estavas já em casa de minha mãe, quando se tratou do meu casamento com elle.

PAUL. Lembra-me eu, senhora.

THER. E elle espera sem divida.

PAUL. Pela resposta.

THER. Incumbes-te de lhe levar?

PAUL. Se assim o determinardes.

THER. Vai dizer-lhe que o aguardo.

(*Paulo inclina-se e vá.*)

SCENA VIII.

THERESA, só.

Sim, bem comprehendendo a causa da tua partida; quer desfazer o seu casamento... adora-me... adora-me ainda! — Que fatalidade me conduziu ao centro d'esta familia!... meu Deus!... e talvez para a desgraça de todos!... Elle parte!... Ah! não, não pôde partir... é furçoso que despose essa menina; assim o quer seu Pai!... assim... assim o quero tambem eu... No meu casamento tenho já um obstaculo ao meu amor; que elle tenha tambem desposando-se um obstaculo ao teu... Será demasiadamente sagrado este laço para poder desfazer-se. — Sim, elle ficará: miú raxões torrei a dar-lhe para que fique... E a mais forte de todas, ó meu Deus! será por ventura aquella, que não osareis confessar a mim mesmo?... É elle!...

SCENA VI.

THERESA, e ARTHUR.

ARTH. Techo em fim a satisfação de vos tornar a vêr, senhora!...

THER. Acaso vos fugia eu?

ARTH. Assim o receava...

THER. Sem razão... Que motivo techo eu para o fazer?

ARTH. Dizeis bem, senhora: quasi que me poderião chamar um homem falso, por imaginar semelhante cousa.

THER. Não vos comprehendo...

ARTH. É que já não fallamos na mesma lingua.

THER. (Depois de uma pausa) Escreveste-me, senhor...

ARTH. E lesteis vós a minha carta?...

THER. Estaes na firme resolução de partir?

ARTH. Mais que nunca!

THER. Assim o vosso casamento?

ARTH. Será desfeito.

THER. Ousareis dizer ao senhor Barão?...

ARTH. Escrevo-lhe.

THER. Que razões lhe dareis?

ARTH. Que receio causar a desgraça de sua filha.

THER. Porque?

ARTH. Porque a não amo.

THER. Ha oito dias que amaveis...?

ARTH. Assim o acreditava... porque não vos tinha tornado a vêr.

THER. Julgais que se não possa causar a felicidade de uma mulher sem ter por ella uma paixão violenta?

ARTH. É ao menos forçoso, que se não tenha essa paixão por outra.

THER. E que julgais, que dirá meu marido de semelhante procedimento?

ARTH. Pouco me importa!

THER. Indagará os motivos...

ARTH. Confessar-lhos-hei. Demais, elle sabe já que um primeiro amor...

THER. (com vivacidade) E conhece o objecto d'elle?

ARTH. Ignota o seu nome.

THER. Sabe, pelo meus, em que parte...

ARTH. Disse-lhe que em Napoles...

THER. Muito bem... Desfeitas as suas mais caras esperanças, o Barão procura

ráis saber, que pessoa é essa, a quem vos amasteis, e a quem elle devesa aborrecer... Conheço Napoles; escreverá; e uma carta lhe pôde descobrir tudo... Saberá que essa mulher desconhecida, a quem amasteis, sou eu, ... eu, sua esposa!... Acreditades, que elle imagine que um amor tão violento no vosso coração não tenha deixado vestigios no meu?... E então não só me lançará em rosto, e com justiça, o ter-lhe destruido na actualidade as suas esperanças de pai; mas ainda a idéa de que posso ter experimentado uma paixão anterior, ... de que talvez a experimento ainda, ... lhe roubará no futuro a sua tranquillidade de esposo... Arthur... e todo isto por alguns sofrimentos, que o tempo, e o habito hão de mitigar!... Ah! sões bem egoista!

ARTH. Theresa, dizei antes bem desgracado!

THER. E quereis tambem que eu o seja!... Esqueceis por ventura, que partindo, nada tendes a temer pela vossa parte, mas que me deixaes aqui sózinha, a recear de tudo.

ARTH. Porém, que hei de fazer?

THER. Ficar, e desposar Amelia.

ARTH. Não me comprehendestes vós, Theresa? Não vos disse eu, que vos amava?... Desposar Amelia! Desposar essa innocente joven com outro amor no coração!... e que amor!... jurar-lhe na presença de seu pai e de Deus, que hei de amala, e mentir a Deus, e a seu Pai!... Ah! semelhante procedimento seria horrivel, seria infame!... Mas não concebeis vós na idéa o que é amar?

THER. Arthur.

ARTH. Permitti-me pois que vos diga quanto soffro, que vos atiero com a pintura do que pôde vir a acontecer!... Mas, Theresa, acaso não sabeis vós que nunca vos amei tanto como vos amo neste momento?... Ah! se uma hora sómente experimentasseis o que ha tres dias se tem passado no meu coração!... Nem sonho, nem descanço; parece que tenho o sangue em um incendio, Theresa... Eu enloqueço!... eu morro!...

THER. Mas, ouvi-me.

ARTH. Quereis que não parta, e que desposo Amelia!... E se vos obedecer não imaginzes quanto será infernal a

minha existência passada na companhia da minha propria esposa, e sem poder amar essa esposa, na companhia da mulher d'outrem, e a morrer por essa mulher!... Morrer por ella!... e vê-la desposada com um velho!... e um velho a quem tenho de chamar Pai!... Encontrarmol-o a cada passo q'esta casa, que todos habitamos, e andarmos em um continuo constrangimento e dissimulação para lhe encobrir, Amelia as suas lagrimas, vós os vossos pezares, e eu a minha desesperação!... Oh! reflecti nisto, Theresa, e vêde se haverá para todos nós um instante de descanso, de ventura, de tranquillidade neste mundo.

THEA. Ah, vós vêdes assim tudo isso, porque o vêdes em um momento de exaltação, porque acabo de chegar, e me encontrastes inopinadamente... Eu mesma, se esten tranquilla, é porque de ha muito estava prevenida, sabendo que ia tornar a ver-vos, e que eris o esposo de Amelia!... Assim vos acontecerá, Arthur, quando dias, mezes, e um anno forem passados em minha companhia... Ah! um dia conhecereis, crêde-me, Arthur, que a febre, que agora vos abraza, não é duravel... Tornar vos-heis meu amigo, e eu me tornarei vossa amiga... Chegados a este ponto... dizei... tudo quanto encaras actualmente com terror, não será por ventura delicias?... O habitarmos assim debaixo do mesmo tecto, esta facilidade de nos vermos todas as horas do dia, de recerrar no circulo de nossa familia todas as nossas affeições e prazeres, de sermos para nós um mundo isolado no meio do mundo... dizei... se isto não é o que se chama ventura, ainda a iremos procurar?... E quando nos vemos nestas circumstancias, quando tocamos esta ventura tão rara, tão difficil de encontrar, o homem que a desdezha, que a repulsa... oh! dizei, Arthur! dizei... este homem acaso não é um insensato!

ARTH. Ah! seiço quozos forem meus receios, se por ventura não escutasse eu mais que a voz do coração, suppondes que não preferia arrojarme com os olhos fechados ao meio dessas desgraças, que temo, e caminhar como um cego no futuro?... Mas o futuro, mesmo esse futuro horrivel, que ha pouco descrevi,

seria reflexo do ceo, momentos que causarião inveja aos Anjos; porque vos veria, Theresa!... Agora mesmo, agora mesmo, que padeco, que choro... Theresa, sou mais ditoso do que jamais tenho sido ha dois annos a esta parte... O amor no fundo de sens mais amargos pezares esconde sempre uma alegria... Partir!... Tornar a ver-vos, e deixar-vos!... Tornar a ver-vos mais bella, sentir-me mais apaixonado, e paus?... Nunca: bem sabia eu quando aqui vim, que não teria forças para tal... Theresa, eu não tenho forças senão para vos amar... abandono-me como um cego aos vossos desejos... pensarei com o vosso pensamento, obrarei com a vossa vontade... Aqui me tendes, ó meu Deus!... se alguma coisa ha, que possa fazer no vosso serviço, Theresa, disponde de mim, ordenai quanto quizerdes... excepto que me ausente.

THEA. *(Pega-lhe na mão.)* Arthur, quanto vos fico agradecida!...

PAUL. *(Da porta.)* A senhora Laura. *(Theresa e Arthur afastão-se um do outro por um movimento espontaneo.)*

SCENA X.

Os mesmos, e LAURA.

LACR. O senhor Barão, Amelia e Dadeu aguardão por vós, senhor Arthur.

THEA. Agradecida, senhora. — *(A Arthur.)* Recordai-vos da vossa promessa!

ARTH. *(Solto.)* Acaso prometti eu?...

THEA. Bem sabeis porque vol-o pergunto... Fazeis favor de me dar o braço, e de me acompanhar ao quarto de meu marido?

ARTH. Sim, senhora... Ah! Theresa, Theresa, que é o que nós vamos fazer!...

THEA. A nossa commum felicidade!...

ARTH. Deos o queira!...

(Sistem ambor.)

SCENA XI.

PAULO e LAURA.

LAURA. *(Vendo-os sair, e indo para Paulo.)* Senhor Paulo...

PAUL. Senhora?...

LAUR. *(Ficando os olhos n'elle.)* Eu aposto em como não terá lugar o casamento de Amélia com Arthur.

(Sebe-se tocar uma campainha no quarto do Barão. — Paulo entra no quarto: Laura segue-o com os olhos, mostrando muita curiosidade. — Elle vá quasi immediatamente. Laura suspende-o no meio do Theatro.)

LAUR. Onde vos mandão?...

PAUL. Mandão-me chamar o Tabelião.

(Laura fica estupefacta. — Paulo vá olhando para ella.)

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO TERCEIRO.

(A mesma decoração.)

SCENA I.

DULAU, dando o braço a Laura, que tem ao pé de si um criado com um maldão de papéis, etc. etc. LAURA e DELAUNAY.

DELAUN. Não te offereço, Dulau, o meu *Cabriolet*, porque preciso d'elle, para conduzir, esta tarde, Amélia ao campo, para onde apenas nos levarás a dianteira d'alguns instantes.

DEL. Obrigado; ver-me-hia muito embaraçado para o guiar; além de que, elle não tem commodo para mais de duas pessoas.

LAUR. Para o guiar, servirá o creado, e vós poder-nos-heis seguir a cavallo.

DEL. Muito agradecido!... Gosto mais das cegas, onde se viaja, umas vezes depressa, outras aos saltos; mas, ao menos, não ha o perigo de cair, senão quando ellas tombão.

LAUR. E levar-nos-heis Amélia esta tarde?

DEL. Sem dúvida.

DEL. E a senhora Baroneza?...

DEL. Essa, não sei... Póde muito bem ser, que não vá ao campo, e que em vez d'essa, tenha de fazer uma jornada mais longa, em que terei de a acompanhar... Nesse caso, Dulau, contarei ainda convosco.

DEL. Sempre. *(Deixa o braço de Laura, e dirige-se para Delaunay.)* Tu estás triste, Delaunay, tu suspiras. Espero não nos queiras encobrir alguma desgraça, que te haja acontecido.

DEL. Não, amigo, não; mas deves saber, que Theresa tem experimentado grande mudança, e que dá mostras de quem sofre.

DEL. Não ha dúvida.

DEL. Pois é isso justamente o que me

afflige... Eu quizera «distrá-la... Em fim de tarde te contarei tudo... Não vê tu, que estamos causando a desesperação de Laura, por não poder adivinhar, sobre que estamos fallando.

DEL. Então até á tarde. — Adeos.

DEL. Esperai, que quero ter o gozto de vos acompanhar até ao fundo da esca-da.
(*Sóem todos tres.*)

SCENA II.

THERESA, e PAULO.

(*Theresa abre a porta mansamente a porta do quarto, e vendo que elles se retirão, ade de vagar, e vai pôr-se a escutar á porta do quarto de Arthur; depois dá um signal para a ante-câmara, e Paulo apparece.*)

PAUL. Senhora...

THER. Não saio ain la pessoa alguma do quarto da senhora Savigny.

PAUL. Ninguém.

THER. (*Agitando um papel.*) Hontem me rogo o senhor Savigny lhe copiasse algumas arias do nosso paiz. — Ell-as aqui, inclusas nesta carta, que haveis de lhe entregar.

PAUL. (*Suspirando.*) Sim, senhora.

THER. (*Apastando-se immediatamente.*) Se vier o senhor Barão, e me procurar, dizei-lhe que estou no Jardim.

PAUL. O sr da Primavera está ainda tão frio, senhora!

THER. Assim mesmo preciso delle. — Sinto todo o rosto adoeado. (*Sde.*)

SCENA III.

PAULO, e depois ARTHUR.

PAUL. (*Levdo.*) Ao senhor Arthur de Savigny. Quanto elle é feliz!

(*Entra Arthur mais pallido, que no segundo Acto: seguem-se os mesmos passos, que quando Theresa entra e elle, elle para todos os lados.*)

PAUL. Ella acaba de sair d'aqui.

ARTH. E donde está?...

PAUL. No Jardim.

ARTH. Vou encontrar-me com ella.

PAUL. Uma carta...

ARTH. Para mim?

PAUL. D'ella.

ARTH. Ah! dai-ma!... (*levantando-se*) Oh! sim, ella ainda me tem amor; ainda me adora, ama-me com o mesmo extremo, que antigamente (*beija a carta, e depois abre-a e lê.*) Ella me recorda nossos juramentos, nossos laços... Oh! Foi ella a auctora delles.

PAUL. (*Avançando.*) O senhor Barão,

ARTH. (*Escondendo a carta*) O Barão!... A que estado estou reduzido, que o não posso ver, com o intervallo de uma hora, sem tremer de que elle neste espaço tenha extorquido o meu segredo!... Oh! meu Deus, meu Deus, que supplicio!... Oh! quanto me mortificação as suas cans!... Elle vem triste... (*levantando-se arrebatadamente*) Estará elle informado?

(*Arthur torna a sentar-se, caído sobre a cadeira; limpa o rosto, como quem está afflicto, não se atrevendo a olhar para o lado, donde vem Delaunay. — Este encamalhando-se para elle lhe estende a mão.*)

SCENA IV.

ARTHUR e DELAUNAY.

DEL. Bons dias, Arthur.

ARTH. (*d' parte, e com alegria.*) Por ora não ha novidade!...

DEL. Como passa Amelia?

ARTH. Bem, meu pai.

DEL. (*Com ar de tristeza.*) Muito o estimo! — Ella estará prompta para partir esta tarde para o campo?

ARTH. Creio que sim.

DEL. Onde está ella?

ARTH. No seu quarto, senhor. (*Com vivacidade.*) Queris que a chame?

DEL. Não; folgo bem de poder conversar contigo, um instante.

ARTH. (*Inquieto.*) Como?...

DEL. Não és tu o meu filho, o meu melhor amigo?...

ARTH. Mas sobre que objecto queres vós fallar-me.

DEL. Dos meus pezares, Arthur?

ARTH. (*Estremecendo.*) Tendel-os vós por ventura?

DEL. Eis ahí a pergunta de um homem feliz!

ARTH. E esses pezaros... quem os causa?

DEL. Acaso não tens tu notado a tristeza, e a pallidez de Theresa?

ARTH. Tenho.

DEL. Pódes tu adivinhar a causa de tais effeitos?

ARTH. Não procurei ainda informarme della.

DEL. Dize-me, Arthur, poderias tu viver longe da França, e familiarisar-te com a idea de nunca mais a tornar a ver.

ARTH. Oh! Por certo não.

DEL. Pois bem; toda a molestia de Theresa tem a sua origem no que acabas de dizer; são as saudades de Naples, que a atormentão!...

ARTH. Se ella lá não tem parentes...

DEL. Mas os seus tumulos, Arthur!... Ha naquello céo, que virão nossos olhos, ao abrirem-se pela vez primeira, naquelle ar, que servio á nossa respiração, quando eramos ainda de poucos annos, livres e alegres; ha em fim no paiz natalicio um tal encanto, que nada é capaz de substituir!... É a falta de tudo isto, meu amigo, o que Theresa lamenta.

ARTH. (Adoptando com enthusiasmo a lembrança.) Oh! sim, sim; não ha duvida!... É a isso, é a isso, que se deve attribuir a sua tristeza, e sua preocupação; não é, meu pai, e a nenhuma outra causa... tens razão.

DEL. Tudo isto m'oculta ella com receio de affligir-me; temo aquelle anjo de doçura obrigar-me a sofrer as mesmas privações, com que ella presentemente está luctando, sem a coragem necessaria para as supportar; — mas eu não seys menos generoso do que ella.

ARTH. (Antevendo o intento do Barão.) Nesse caso, que fareis?...

DEL. Partirei amanhã com ella para Naples.

ARTH. Vós!... pois vós haveis de partir!... Fallais sério?

DEL. Fallo.

ARTH. Bem sabes que uma tal viagem exige disposições prévias.

DEL. Já estão feitas.

ARTH. E sabe ella isso, ella?...

(Corrigindo a expressão.) A senhora Baroneza.

DEL. Ainda não.

ARTH. E Amelia?

DEL. Reservo só para os ultimos momentos a informal-a das minhas treações, porque receio não poder resistir ás suas supplicas e lagrimas.

ARTH. Ah! sim, porque as tuas supplicas, e as suas lagrimas talvez tivessem o poder de vos fazer mudar de resolução, não é assim?

DEL. Talvez!... Ai de mim! quem na minha idade abandona filhos, e patria, por breve que seja a ausencia, expõe-se muito a não tornar a ver tão caros objectos.

ARTH. (A parte.) É necessario fazer com que elle não parta.

DEL. Na minha ausencia, Arthur, en te recomendo Amelia... tens cuidados severos de consolal-a; amada por ti, eu a considerarei feliz, porque a sua felicidade consiste no seu amor; — mas lá vem Theresa, deixa-me só com ella.

ARTH. (Passa por diante de Theresa, e cantando-lhe de dez em voz baixo, e com força.) Lembra-te do amor, que me teus! (Sic.)

THEA. (A parte.) Que quereis elle dizer com isto?

SCENA V.

DELAUNAY, e THERESA.

DEL. Vem cá, minhas Theresa.

THEA. (indo para elle.) Aqui me tens, meu esposo.

DEL. Onde estiveste de manhã?

THEA. No jardim.

DEL. Sem platinas, sem challe, por um ar tão frio!...

THEA. (Dando-lhe a mão.) Ora vê!...

DEL. A tua mão esculda!...

THEA. (Com um sorriso de tristeza.) É verdade.

DEL. Olha para mim, Theresa.

THEA. Para que?

DEL. Vê como o orvalho da manhã está esparzido pelos teus cabellos.

THEA. O estado do meu rosto é tal, que bem precisa disto.

DEL. Como estão tristes, e languidos os teus olhos! Como estão pallidas as tuas faces!... Não provirá isto, minha bella Theresa, de que este horisonte nublado fatiga os teus olhos, de que este sol, mais frio do que o da Italia faz murchar a tua tez, de que finalmente o teu peito se não dá bem, respirando o ar da França?

THEA. (Com um ar de melancolia, proprio de recordações sandosas.) Oh! sim, sim, é isso, ... talvez... sim, meu céu azul... meu sol ardente... meu golfo de Nápoles, onde à noite parecem cair as estrellas como perolas... Ah! se eu, podéra tornar a ver todos estes objectos, como os vis, ha tres annos; e experimentar á vista d'elles as mesmas sensações, que já experimentei; quanto eu seria feliz...

DEL. Feliz! dizes tu... Pois bem, minha Theresa, Nápoles, os laranjeiros de Sorrente, que aromatizam aquella atmosfera, o berço da tua mocidade, os temulos de teus parentes, tudo, tudo isto posso restituir-te... e tudo te restituo.

THEA. Vós!... e como?

DEL. Partindo, ámanhã, para Nápoles.

THEA. É impossivel.

DEL. Porque?

THEA. Porquevós não poderéis abandonar assim vossa patria, vossa casa, vossa familia...

DEL. Por ventura não abandonaste tu todos esses objectos, para me acompanhar.

THEA. Mas eu...

DEL. Mas tu... sim tu eras joven, restavote ainda a viver no teu paiz, muitas e alegres annos. Não terás eu capaz de fazer o mesmo por ti, eu, já velho, e ás bordas da sepultura?

THEA. Meu esposo!...

DEL. Não, Theresa, aquelle que menor perda soffre é quem deve ceder. Suppondo mesmo que eu chegue a preencher o termo ordinario de vida, que a Providencia marcou aos homens, não me restão de existencia mais de oito ou dez annos; quererei eu que tu aguardes oito ou dez annos, para só no fim d'elles

ser livre e fella?... E no caso d'eu viver mais, ou no caso mesmo de se aggravar successivamente o incommodo, que soffres neste paiz, desejas tu que eu mereça a tua maldição, por continuar a viver?

THEA. Oh! Delaunay!...

DEL. Eu abandono por tí, dizes tu, patria, familia... A minha patria não carece dos meus serviços; cumpre agora defendel-a aos que estão no vendor dos annos; pela minha parte já me desonerei para com ella d'esse tributo... Minha familia consiste n'uma filha unica, e essa já casada com pessoa da sua escola, e por um tal motivo feliz. — Está pois cumprido o meu destino n'este mundo; e Deos, quando lhe aprouver, pôde enviar-me a morte, que eu já não terei o direito de lhe dizer: — espera! — tudo quanto ao homem cumpre fazer, o fiz eu já; — mas, com tudo isto, a Providencia determina, que eu viva, e que viva feliz, pois que me concede a companhia daquella, cuja posse, e cujo amor só podia completar a minha ventura. Este amor já eu o alcancei, não é assim? Amor, mas amor de filha... porque nem eu reclamo outro.

THEA. (Commovida.) Oh! sim... sim!

DEL. Bem. — Graças a Deos, e a tí! porque são estas as duas fontes, donde me provierão maiores bens do que eu tinha razão d'esperar; exigir mais, seria ingratião. — Commetti uma injustiça em te fazer abandonar Nápoles; devéra lembrar-me de que, segundo-me, não fazias mais do que obedecer a teu pai, que queria vêr-te nobre; e que por uma tal obediencia sacrificaste a tua felicidade ao amor filial... Muito bem!... Quando te lembrares, de que te restitui todos os objectos, que estimavas, poderás talvez esquecer-te de que fôra eu quem, n'um instante, t'os havia roubado... Vamos, que tens tu?

THEA. (Chorando.) Oh! vós sões o melhor, o mais generoso dos homens!... tendes razão, faz-se mister que eu parta!

DEL. Já vés, minha filha, que adiveinhei á risca os teus pensamentos.

THEA. Sim... sim! Quando havemos nós de partir?

DEL. Quando quizeres.

THEA. O mais cedo possivel!

DEL. A'manhã.

THEA. A'manhã?... estarei prom-
pta.

DEL. Sim... sim... E se depois de
chegarmos à tua patria, quando percor-
remos ambos o teu bello paiz natalicio,
n'escapar um suspiro, lembrando-me da
França... estão do rochedo de Capri,
ou da ponte de *Mouicóde*, tu me dirás,
spontando para a cidade, que surge do
seu golfo, como um açafate de flores:
vês tu lá em baixo aquella cidade? é Na-
poles... Napoles, longe da qual eu de
certo morreria... Napoles, que eu não
contava jamaiz tornar a ver, mas que en-
contrei com novas delicias. — Tu me has
de dizer tudo isto, não é assim? e ao
som da tua voz, e em presença da tua
felicidade, esquecer-me-hei da França;
esquecer-me-hei de... esquecer-me-hei
de tudo, para beijar tuas mãos, teus
joelhos, e dizer-te: Oh! minha Theresa,
por maiores excessos, que eu tenha prac-
ticado por ti... ah! tu, tu, amando-me,
es praticaste ainda me-... res.

THEA. Meu esposo, eu vejo o suppli-
co... Ah! deixas-me, deixas-me só...
tanto necessidade de chorar...

DEL. Oh! sim, sim, chora d'ale-
gria... são essas as lagrimas, que muito
m'apraz vêr-te derramar! Até logo: vou
dar as ordens necessarias. Desjaria apro-
veitar o tempo, que hoje me resta, para
fazer entrar Arthur, e Amelia na posse
do campo, aonde nós, em sua compa-
nhia, haviámos de passar o verão. Tu
esperarás aqui; esta pequena viagem te
fatigaria inutilmente. Poupa as tuas for-
ças, que bem necessidade terás d'ellas.
A'manhã já aqui estarei de volta, e
desembarcado de todas as despedidas,
a cujo espectáculo te quero poupar. *(To-
ra a companhia, e apparece um criado)*
Tôo o cavallo ao *Cabriolet*. *(São o criado)*

THEA. Porque não ides antes na se-
ge?

DEL. Reservo-a para a nossa viagem.
— Eu, e Amelia iremos no *Cabriolet*,
Arthur acompanhar-nos-ha a cavallo, e
d'esse mesmo me servirei amanhã,
quando voltar: — vês, minha bella The-
resa, como tudo está arranjado... ora
alegra-te para me lembrar do teu sorriso,
quando me despedir de minha filha.
(Abraça-a, e parte.)

SCENA VI.

THEA *só*, e caindo sobre uma ca-
deira.

Ah!... ah! meu Deus! quanto isto
seria horroroso!... mas partir... sim,
eu reconheço, que é uma necessidade;
longe de Arthur poderei continuar a
amar-o, sem receio de me ver crimino-
sa, ao passo que junto d'elle o amor,
que hoje lhe tenho, pôde amanhã de-
generar em remorso... Oh! lembren-
nos deste velho, tão bom, que me cha-
ma sua filha, que me confiou o resto dos
seus dias, e que me escolheu para instru-
mento da sua felicidade... Se deixo Ar-
thur no momento, em que me adora,
não farei com a minha ausencia, que se
desvaneca o seu amor; não é sua mul-
her, não é a indifferente Amelia, quem
será capaz de lhe riscar da idéa a minha
lembrança... ella que só sabe amar-o
alguma coisa mais do que a Laura...
alguma coisa menos do que a seu pai!...

SCENA VII.

AMELIA e THERESA.

AMEL. Eu julgava que meu pai esta-
va convosco, mamam...

THEA. Já daqui saio.

AMEL. Oh! meu Deus!... preciso
em todo o caso de lhe fallar... sabes tu,
mamam, o que elle decidio?... partir,
abandonar-nos, voltar para Napoles.

THEA. Sim, minha filha, essa é a
sua tenção; mas quem te communicou
essa noticia, que teu pai tanto te queria
encobrir?

AMEL. Arthur.

THEA. Arthur!...

AMEL. E fiz-lhe uma solemne pro-
messa d'empregar toda a minha influen-
cia para demorar a partida do meu pai.

THEA. Foi elle quem t'enviou, e en-
carregou d'impedir esta viagem?

AMEL. E o mais é que a hei de im-
pedir.

THEA. Pobre menina!...

AMEL. Também prometti a Arthur, que haviais de unir-vos comigo, para pedirmos a meu pai, que não parta... e estou certa de que o haviais de fazer, não é assim mamam?... n'esse caso seremos duas contra o Papá... Duas mulheres não por certo bem poderosas. Tratarémos ambas de mover o seu coração, cada uma por seu lado; e elle não terá outro remedio senão ceder.

THER. Duvido, Amelia, de que as duas súplicas obtenhão resultado algum de meu marido... Demais eu sou a primeira a reconhecer, que uma tal partida é necessaria...

AMEL. Oh!... Mamam!...

THER. Poderemos comtudo tomar um melhor accordo...

AMEL. Vejamos qual é!

THER. Ha um meio de conciliar tudo...

AMEL. Oh! que quem são, dizei-o depressa, mamam!

THER. A viagem pôde fazer-se, sem que abandones teu pai.

AMEL. Não sei como isso possa ser...

THER. Partindo comoção, minha filha!...

AMEL. É Arthur?...

THER. Esse ficará em Paris, d'onde actualmente não pôde sair, salvo se quiser renunciar a seus projectos.

AMEL. Porém, minha mamam, o que eu não queria, era separar-me d'Arthur, eu...

THER. (*Admida.*) Como assim...

AMEL. Separar-me, não, oh! certamente não!

THER. Porém, minha filha, é necessario determinar-se a abandonar ou teu pai, ou teu marido.

AMEL. Sim, tendes razão... Nesse caso, mamam, ficarei com Arthur.

THER. Amelia!... não me declaraste tu já, que o amavas menos do que a teu pai?

AMEL. É verdade; mas foi antes do meu casamento.

THER. E depois do teu casamento?...

AMEL. (*Com um ar mysterioso.*) Escutai... não o digaes a meu pai, para evitar a mortificação, que d'ahi lhe poderia provir... mas estron no meu coração um sentimento novo, ... amo cada vez

mais o meu Arthur, ... e não posso separar-me dello...

THER. Menina!... Mas teu pai, teu pai!... amas-o tu já menos?

AMEL. Não, mamam, não amo menos a meu Pai, mas amo mais a Arthur.

THER. Tu o amas?...

AMEL. Ah! mais do que pôdes imaginar!

THER. E elle!... elle!...

AMEL. Oh! elle... (*suspira.*)

THER. (*Com alegria.*) Dize, dize!

AMEL. Elle ama-me muito na verdade... se bem que muitas vezes me parece andar distraido, e preoccupado... mas eu sei a causa d'isso.

THER. Tu sabes a?

AMEL. Sim... Quando eu me recordo do tempo passado, quando me lembro da indifferença, com que o tratava, admiro-me bem de que elle tenha continuado a amar-me tão extremosamente, como o tem feito... Ah! se eu possesia voltar a esse tempo da minha indifferença, que tanto recioo que ainda alguma vez seja presente á sua lembrança! Ah! mas eu lhe prodigalizo mil caricias para lho fazer riscar da idéa... O futuro está por minha conta; coahço que cada vez o hei de amar mais... E é agora, mamam, que me vindes propor que o deixe? que deixe o meu Arthur?... Oh! não, não!... Farei tudo quanto poder para com meu pai; supplicar-lhe hei que lique comoção; mas, se a despeito das minhas súplicas, e das minhas lagrimas, elle persistir, pela minha parte, mamam, ficarei com Arthur.

THER. (*A parte.*) Ella tem-lhe amor... Desgraçada de mim!... ella quer-lhe bem... e eu parto!...

AMEL. Vem gente... se fosse meu pai!... Mamam! mamam! é o meu Arthur!... El-o! Vê-lo, mamam, como está pallido!... como tem ar de quem sofre!... Meu Arthur!...

SCENA VIII.

Os precedentes. e ARTHUR.

ARTH. E então?...

ANNA. Não vi ainda meu pai.

ARTH. Pois onde está elle?

ANNA. Seio á dar algumas ordens, porém, como para entrar no seu quarto tem de passar pela sala do jantar, para lá vou esperá-lo, e farei por impedir esta jornada, que causaria a desventura de todos... De-me um abraço, Arthur, que eu vou encontrá-lo.

*(Arthur á abraça.)*THER. *(Fendo os abraçados.)* Meu Deus, tendo piedade de mim!*(Anelia só.)*

SCENA IX.

THERESA e ARTHUR.

ARTH. Estamos finalmente sós!...

THER. *(A parte.)* Ella querer-lhe bem!...

ARTH. Oh! escutai-me, Theresa; não há tempo, que perder.

THER. Que me quereis vós?

ARTH. Acaso já o Barão vos fallou da sua indiscreta jornada?

THER. Já.

ARTH. E vós consentisteis nella?

THER. Dei-lhe a minha approvação.

ARTH. *(Em tom áspero.)* Muito bem!

THER. Que quereis pois vós que eu fizesse?

ARTH. Não vos sobravaõ mil pretextos para ficar?

THER. Ficar!... para que?... ficai...

ARTH. E ainda não perguntas!...

THER. Anelia fica, ella!...

ARTH. Por ventura estamos aqui para nos agostarmos, senhora? visto ser por vosso motivo, que elle quer partir, visto ser a vossa saúde, o que lhe dá cuidado, não podéis vós tranquillisar o?

THER. Olhai para mim, Arthur, vêde a minha pallidez; tocai nas minhas mãos, vereis que a febre as abraça... Por ventura posso eu mandar á pallidez, que desapareça, á febre, que acabe?...

Não attribuindo d'ora em diante, estes affectos á saudade da minha patria, poderia eu dizer ao Barão, que esta pallidez, que este desasossegado são devidos á vossa presença, ao desgraçado amor, com que me perseguis?... Não: não é assim?... Vós conheceis muito bem que é necessario, que vos deixei; que sómente longe de vós poderei ser feliz.

ARTH. E eu, Theresa, e eu, a quem vós assim abandonaes, não devia ser tido em alguma conta, na vossa decisão? Fallaes-me da vossa pallidez, da vossa agitação!... acaso o meu rosto está rubro, como antigamente? o meu coração palpita como o d'um homem socegado? Ah! quando eu queria desfazer este casamento, quando eu previa os tormentos, que ora m'opprimem, porque me não deixasteis vós então partir? Nessa época tinha eu forças para me separar de vós; agora já ellas todas foram consumidas com a vossa continuada presença. Vós me demorasteis, demorasteis-me, mio grado meu; finesteis-me a promessa d'um porvir feliz, e tranquillo *(Eindo ranciosamente.)* Oh! não estamos nós agora muito tranquillos, Theresa? Não somos nós felizes? Não cumpristeis-vós cabalmente a vossa promessa?

THER. Arthur? Arthur! Vêde que me mortificastes muito?

ARTH. Vós poderieis ter disposto da minha vida, poderieis ter ordenado, que em tudo vos obedeceria... Fizesteis-me desgraçado, e abandonar-me-heis neste estado!... Ah! isto de certo não fareis vós, Theresa. Só uma mulher leviana o praticaria, e vós não o sois... Lembrai-vos de que a vossa presença me é tão necessaria como o ar, que respiro... Familiarizei-me com a vossa companhia; e agora ella é a minha vida; — ella n'è é absolutamente necessaria, Theresa!... Vós não haveis de querer, que eu morra, não é assim? que morra num estado de desesperação, e blasfemando contra a Providencia... Pois bem; então ficai, ficai, eu vou-o supplicar!... Theresa, meu amor, minha vida, meu anjo!...

*(Arthur dá de joelhos.)*THER. *(Cobriudo o rosto com as mãos.)* Meu Deus! meu Deus!...

ARTH. Então, não me respondeis?..

THEA. Que! não respondi eu já a tudo no dia, em que confessei, que vos amava?...
 ARTH. *(Com ironia, levantando-se.)* Sim, vós amae-me, mas com um amor, que não vos incommoda, que vos permite o assentar-vos, e que vos faz olhar esta ausência, como um meio de recuperar a vossa frescura, a vossa belleza, como um meio de ir procurar a felicidade, que havieis perdido... Ah! vós chamaes a isto amor... vós, Italianas, vós!... É cruel, que o sol da França tenha já esfriado a um tal ponto o sangue, que gira nas vossas veias? Ah! Theresa, vós não me tendes amor; digo mais, vós nunca m'o tivestes!

THEA. Ah! enganae-vos, Arthur; essas paixões d'uma Italiana, amor, e ciúme, ambas as tenho eu... Deste sangue, que se gelou, segurado vós dizeis, oh! eu daria metade, neste momento, para poder passar a minha vida convosco, sem crime, nem remorso!
 ARTH. Pois bem! então, Theresa, minha Theresa!...

THEA. Eu não vos amo, desgraçado... Ah! horrorisar-me-lia este amor, se não fosse tão violento! Acreditaeis vós, que eu não tenha empregado todos os meios de o combater... razão, orações...? Eu sou a que te não amo, Arthur... e vejo-me obrigada a fugir da tua presença, para resistir a este amor! Oh! deixai-me esta unica via de salvação, ou perderei-me-hei, e te perderei comigo!

ARTH. Pouco m'importa, Theresa!... contigo o inferno, a morte!... contigo, ouves tu... mas contigo...
 THEA. Oh! piedade!... misericórdia!...
 ARTH. Tu não partirás, dize... Oh! não! não!...

THEA. Arthur!... *(apartando-se com energia)* o Barão!...

SCENA X.

Os presentes, DELAUNAY e AMEL.

AMEL. *(Encostada ao braço de seu pai.)* Ah! meu pai!... meu bom pai!... não vos abandonaeis, eu t'o supplico!

DEL. Minha filha, Theresa é a unica

peessoa, que poderia fazer-me mudar de resolução!

ARTH. *(A meia voz.)* Ouvisteis, senhora!...

AMEL. Oh! mamam, eu t'o rogo!...

ARTH. *(A meia voz.)* Theresa, vós não tendes mais que uma palavra... metade de uma palavra a profirir a este respeito... *(Theresa guarda silencio.)* Proferi-a pois!

DEL. Nós haremos de voltar... ainda, antes d'eu morrer-me haveis de tornar a vêr, meus filhos!...

AMEL. *(Lançando-se nos braços de seu pai.)* Meu pai!... meu pai!...

ARTH. *(Em voz baixa.)* Pela ultima vez, Theresa!...

(Theresa hesita. — Paulo apparece á porta de fundo.)

PAUL. O Cabriole para o senhor Barão, e o cavallo para o senhor Arthur, estão promptos.

DEL. Avia-te, minha filha, despede-te de tua mãe.

AMEL. E pois forçoso!... mea Deus... Adeos mamam, adeos... Reatitai-nos, meu pai!

DEL. *(a Amel.)* Consola-te, minha menina, minha cara filha!...

AMEL. *(Solocando.)* Nunca! nunca!...

THEA. *(A parte.)* Ella quer-lhe bem!...

ARTH. *(Junto a Theresa.)* Senhora!...

THEA. *(Em voz baixa, e com a maior expressão.)* Volta!... Partir... morrer... mas antes d'isso quero ainda vêr-te!...

(Ella entra arrebatadamente no seu quarto, Arthur fica no seu lugar, dando mostras da maior alegria.)

ARTH. *(A parte.)* Será isto por ventura um sonho!

DEL. *(A parte.)* Ella receit não poder resistir ás lagrimas de minha filha. *(Em voz alta.)* Paulo, dizei á senhora Baroneza, que amanhã aqui estarei de volta, e que partiremos n'essa mesma tarde. Escuso de dizer-vos, que nos haveis de acompanhar. — Vamos, meus filhos!...

AMEL. Arthur!...

ARTH. *(Como acordando.)* Sim!... sim! partamos, que se faz tarde.

(Súem todos tres.)

SCENA XI.

PAULO (só.)

Partir!... Oh! quão agradavelmente são estas palavras ao meu ouvido!... Partir para a Itália!... tornar a ver Nápoles, e tornar a vê-lo em companhia da senhora Theresa!... Nápoles, aonde não supportarei diariamente a presença deste Arthur, que aborreço, deste Arthur, que deixo aqui n'um estado mais desgraçado do que o meu, porque não tornará mais a vêr a noção Theresa, que eu verci, a toda a hora, eu... oh! não é este o caso, em que tu, Arthur, trocarias de bom grado tua rica, e elevada condição pela d'um pobre e humilde pescador de Nápoles? O' galfo estimado de Lúcia, cujas vagas serviu para embalar-me no hotel de meu pai, durante a minha infância!... O' puro ceo da minha pátria!... esta noite sonharei contigo, sim, esta noite, em que eu hei de dormir, e ninguém ha de vir perturbar os meus sonhos... Theresa... Theresa fez só, uma noite... só!? Respira Paulo... Paulo só ditoso!... (Levantando-se de repente.) Que barulho é este?— (Olhando para a janella.) Arthur!... Arthur, que volta só... Oh! que motivo o conduzirá?... Elle parte sem dúvida segunda vez, não ficará aqui... elle não pode cá ficar (A um criado, que entra com duas lizes.) Aonde ides vós?

CREAD. Preparar o quarto do senhor Arthur.

PAUL. O senhor Arthur não passa cá a noite.

CREAD. Passa: o cavallo, em que elle lá, teve um desmancho, e como o Caballot do senhor Barão não pôde accommodar mais de duas pessoas, o senhor Arthur viu-se na necessidade de voltar para traz.

(Elle entra no quarto d'Arthur.)

PAUL. (Caindo sobre uma cadeira.) Mal-dito!...

SCENA XII.

ARTHUR, e PAULO.

ARTH. Paulo...

PAUL. (Levantando-se.) Senhor...

ARTH. Que fazes tu aqui?

PAUL. (Que por um movimento involuntario tira o punhal.) Eu esperava as ordens de minha mãe; no caso d'algumas ter para me dar.

ARTH. (Procurando vêr o que elle tem na mão.) E em quanto esperavas...

PAUL. Brincava com este punhal.

ARTH. É a arma do teu pai.

PAUL. E é mortifera!...

ARTH. (Depois de uma pausa.) A Baroneza...

PAUL. Fechou-se no seu quarto.

ARTH. (Entrando para o seu.) Está bom. — Podes retirar-te.

(Paulo inclina-se.)

O CREAD. (Saído do quarto d'Arthur.) Queréis vir?...

PAUL. Vaqui mais a um instante.

CREAD. Boas noites.

PAUL. Adeos. (O Creado vá, e o Theatro começa a apparecer escuro.) Oh! pôde ser, que eu m'engane, é possível, depois do que tenho observado, que isto não seja mais que puro effeito do acaso... O' meu Deus! quanto eu soffro!... Adeos, meus sonhos! Adeos, minha noite feliz! — O Demónio, que me persegue em toda a minha vida, está alli... Ah! Paulo, se um dos teus compatriotas se visse no teu lugar, com este bom punhal na mão... silencio!... Não ouvi eu?... Seus passos aproximáram-se a esta porta... esta porta... (Inclina-se para o lado da porta do quarto d'Arthur.) Mas ella abre-se... elle vêem... é elle (retirando-se para traz) aonde vai elle?...

(Arthur pallido e tremendo apparece ao hantiar da porta, comprime a mão com a mão, como para suffocar as palpitações do coração, e caminhando sobre as pontas dos pés, observa se em torno de si está alguma pessoa; escuta e ver se tudo está ocugado; atravessa o Theatro, dirigindo-se para a porta do quarto de Theresa. — Já muito proximo, pára, alimpa o suor do rosto com

um lenço, e constata, procurando com a mão a aldraba da porta.)

ARTH. Vamos...

(Paulo segue Arthur, na escuridade, mais pálido ainda, e mais trêmulo do que elle, prompto à cravar-lhe o punhal, que tem na mão. — Quando vê que Arthur se dirige para o quarto de Theresa, vai collocar-se entre a porta, e Arthur, ao levantar a mão para procurar a aldraba da porta, encontra-se com Paulo, trava-lhe do braço, e diz com voz sufocada:)

ARTH. Quem está aqui?...

PAUL. O mesmo que livrou da morte a senhora Theresa no golfo altanado de Ichio, e que hoje dará seu sangue por lhe salvar honra e vida.

ARTH. (Assustado-se.) Maldição!...

(Paulo segue em instante Arthur com o punhal erguido — e suspende-se de repente, e arreja ao chão o punhal.)

PAUL. Oh! Não! o mesmo golpe a mataria... (a Arthur) Ide-vos...

ARTH. (Entrando no seu quarto.) Maldição!...

(Paulo deixa-se cair sobre uma cadeira...)

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO QUARTO.

(Uma sala mal arruada. — Três portas ao fundo, que se communicão com outras salas.)

SCENA I.

O BARÃO DE SORBIN, UM CREADO.

O BAR. DE SORB. Pode-se fallar ao senhor Arthur de Savigny?

O CREAD. Creio que sim... quem lhe direi que o procura?...

O BAR. DE SORB. O Barão de Sorbin... *se crenda entra no quarto d'Arthur. — O Barão avista-se; — e em gesto aquelle não chega abre e folheia um album. Ah! é o album da Baroneza.*
(Lê.)

Se a vida triste minha não odeio,
Se meus labios não dizem á ventura

O Adeus das despedidas,

Se contra os bens da terra não blasfemo,
Nem osso dividir do Omnipotente,
É porque te idolatro.

Ha segredos no amor, que ás penas d'alma

Dão leve e fagueiro lenitivo;

Ha n'elle alta magia,

Que alisa as rugas de affanosas fronteas;
Um reflexo o diáfano ardente e santo

Das gozas insaveis.

SCENA II.

O BARÃO DE SORBIN, ARTHUR.

ARTH. Relevei, senhor Barão, que vos fazesse esperar.

O BAR. DE SORB. Foi o que me deu occasião a ler excellentes versos, que muitos visos tem de serem vossos, momente por estarem escriptos por vossa letra, cuja que não assignados.

ARTH. *(Fechando com presteza o Album.)* Ah! sim, é verdade... são ver-

sos, que eu fiz... em outra época... e que a Baroneza me pediu escrevesse no seu Album... Perdoai o tomar-vos aqui a visita, senhor Barão... mas eu desejava conversar convosco...

O BAR. DE SORB. Como passa o senhor Delamay? voltou já da sua viagem?

ARTH. Não, senhor: está em *Attergen*, há tres semanas, como sabeis: a venda de uma das suas propriedades tem sido a causa de alli se ter demorado.

O BAR. DE SORB. Pela senhora Baroneza não vos perguntou, porque inda antes de hontem a vi comvosco na Opera; e reparei que toda ella respirava frescura e belleza.

ARTH. Ah! visteis-me!... sim, está melhor, muito melhor.

O BAR. DE SORB. Tenho idéas de que ella tencionava fazer uma viagem a Nápoles, na companhia de seu esposo.

ARTH. O seu restabelecimento tornou-lha desnecessaria... Hontem fui a vossa casa para ter a honra de vos ver.

O BAR. DE SORB. Eu subste: e é por isso, que aqui entrei, indo de passagem para a secretaria.

ARTH. Esta noite celebramos o natalicio de minha mulher; faz hoje dezoito annos. Poderemos contar convosco para o baile?... seria muito mal feito, que nos faltasseis.

O BAR. DE SORB. Por certo que não faltarei... Mas suppoz que tinheis que me fallar; e bem vedes que no meio do tumulto de uma funcção.

ARTH. Eu queria perguntar-vos como vão os meus negocios.

O BAR. DE SORB. Optimamente.

ARTH. É que tendo cessado de existir os motivos, que me demorávo em Paris...

O BAR. DE SOBR. Ah! sim; era o vosso casamento quem tudo vos fazia recusar... Muito bem! mas se convierdes em sair, o Ministro dos negocios estrangeiros procura alguém, que possa enviar a S. Petersbourg, encarregado de negocios importantes... Accitazicis o cargo de Enviado extraordinario naquella Corte?

ARTH. Pouco me importa: tudo accitarei, com tanto que tenha um pretexto plausivel para deixas Paris.

O BAR. DE SOBR. Pois bem! isso poderá arranjar-se.

ARTH. Agradecido!... Não será preciso advertir-vos que os mesmos motivos, que fazem com que eu desde hoje saia da França, são tambem causa para desejar que similhante pertença lique em segredo até que...

O BAR. DE SOBR. Não teoheas dúvidas: eu vou d'aqui para casa do Ministro, onde teoheo que fazer; fallalhe-bei em o vosso negocio; e espero vir esta mesma noite trazer-vos boas noticias.

ARTH. Que bondade a vossa!... Partis já?

O BAR. DE SOBR. Apenas tinha tempo para vir dar-vos as boas tardes, e saber o motivo que vos levou a minha casa... porque vos tendes tornado tão pouco visivel depois de casado, que uma visita... — A proposito, como passa a vossa esposa?...

ARTH. *(Acompanhando-o.)* Alguma coisa incommodada.

O BAR. DE SOBR. Ah! é que...?

ARTH. Oh! meu Deus! Não!

O BAR. DE SOBR. Até logo.

ARTH. Sim... Agradecido, mil vezes agradecido.

O BAR. DE SOBR. Deixai-vos disso... Adeos.

SCENA III.

ARTHUR, *26.*

Ah! se Theresa imaginasse que trato de a deixar!... Mas eu não posso sem tremer pensar no regresso do Ba-

ção... Na sua ausência apenas temos a recer os olhos de Amélia, que é facil enganar; taata é a sua candura... todavia em presença d'ella começa o supplicio já.

SCENA IV.

ARTHUR e THERESA.

(Theresa entra nas pontas dos pés prausenteira e risonha. — Olha para todas as lados; e, vendo-se visinha com Arthur, vem, sem que elle a perceba, collocar-se por detraz da cadeira, em que elle está sentado, e lhe dá a mão a beijar.)

ARTH. *(Estremecendo.)* Ah!...

THEA. Então! Sou eu... causo-vos medo?

ARTH. Ah! não Theresa.

THEA. Acabo de dispôr tudo o necessario para a nossa função. Olhai, Arthur! o mundo é um meio de nos isolarmos; seremos mais livres na presença de cem pensos, do que o somos em os nossos serões com Amélia... Ah! o tumulto, o confuso scintillar das luzes, o estroudo da musica, no meio do qual os olhos se encontrão sem serem espiados, as mãos se tocho sem serem vistas, um proposito namorado se communica sem ser ouvido... nunca tanto gostei dos bailes, e dos espectaculos!

ARTH. E considerais-vos feliz, Theresa?...

THEA. Considero, sim; porque quero, porque é forçoso sel-o.

ARTH. Tanto melhor!

THEA. Como sões cruel, Arthur!... Deixai-me pois viver esta vida ficticia, que faz com que eu esqueça... deixai-me a febre e a agitação, que me deslumbrão... sim, sim, Arthur, comtanto que eu vos veja presente, com tanto que toque de tempor a tempos a vossa mão, com tanto que devise os vossos olhos, como agora, fixos nos meus... Ah! eu esquecerei o passado onde existe um delicto, esquecerei o futuro, onde existe um remorso, tudo pelo presente, pelo presente cheio de felicidade, pelo presente que me embriaga com um prazer desleixado, e voluptuoso... Ah! vos não sabieis ainda, Arthur, como é o amor

de uma mulher! o amor para nós equivale á vida, mistura-se com o nosso sangue, ... bebemolo com o ar, que respiramos!...

ARTH. Minha Theresa!... seria todavia necessario pensar por um momento futuro, na proxima volta do Barão.

THEA. E para que pensar em tal? Deitai-me antes esquecer tudo isso!... Penso eu acaso na morte, por que ella pode vir d'um instante para outro? Não: as palpitações do meu coração annunciação-me que estou na primavera da vida; e mesmo me annuncia o amor, que me abraça, e que ha de sobreaviver a tudo...

THEA. Venha a desgraça, venha a morte! terei ao menos conhecido os instantes venturosos d'esta vida.

ARTH. Theresa! Theresa! quanto te invejo!...

THEA. Pois então faz como eu; esquece tudo contigo... Ah! se tu me amas como eu te amo!... Veni-me ás vezes uma idéa ao pensamento...

ARTH. Qual é?

THEA. Bã' tu dizes quando formos desgraçados; quero então vêr até que ponto és merecedor d'este amor de Italiana, que invocavas outr'ora, e que hoje... Arthur! eu desconfio que não me comprehendes... Vamos, Arthur! avante! *(muito e Arthur ergue-as)*

PAUL. *(Entrando)* Entrou no pátio o correio do senhor Barão, e traz apenas a seu lado alguns instantes de distancia.

THEA. *(Caindo sobre uma cadeira)* Ah!

ARTH. Deixa-nos, Paulo. *(Paulo vai.)* Theresa! Theresa! tambem eu agora te digo: adeus!

THEA. Estás a chegar!... Não ouviste? está a chegar!...

ARTH. Tinhas tu realmente esquecido que elle devia voltar?

THEA. Ah! não, nunca... apenas era eu menos eguista do que tu és: não queria affligir-te com os meus pezares... Já que eu não esquecia, queria ao menos fazer-te esquecer... Esquecer!... ah! nunca!... Nem existiria um Deus se certas cousas se podessem esquecer... Alegra-te, Arthur: depois do meu crime não tive mais uma unica hora, um unico momento de repouso... O ancilão, o veneravel ancilão, jamaiz deixei de o ter

presente na memoria: em muitas vigílias, no meu somno, nos meus prazeres, via-o sempre, sempre... E quando eu escondia entre os teus braços a minha cabeça desgrenhada, Arthur, julgavas que era de tempora... pois era de horror!

ARTH. O meu Deus!...

THEA. Não é verdade, que eu era digna de inveja?

ARTH. Ah! não, não!...

THEA. Dize-me, pois, agora, qual de nós amava mais, tu, que procuravas atterrar-me com teus receios, ou eu, que queria tranquillisar-te á força do ternura?

ARTH. Ah! Theresa! se tu sonbesses a energia com que te amo agora!...

THEA. Repara no que dizes!!! Essas palavras, ditas n'este instante, constituem uma obrigação... Ousarias tu repetilas? Amas-me tu ainda do mesmo modo, Arthur?

ARTH. *(Heitando)* Sim... amo...

THEA. Lembra-te de que eu te disse que me tinha vindo uma idéa ao pensamento...

ARTH. E então?...

THEA. Que a reservava para a época da desgraça...

ARTH. Qual é? qual é? vejamos!...

THEA. Tu não ousarias!...

ARTH. Mas que é?...

THEA. Escuta-me!... Acreditas tu que uma mulher, que tem faltado ao mais santo de todos os deveres, que tem faltado a elle, sem causa alguma, que a possa desculpar... não creias pois que exista a minima cousa, que me sirva de escusa á meus proprios olhos... não a ha: — o Barão era excellente, e queria-me bem; tudo quanto eu podia desejar se cumpria no mesmo instante... Ah! quanto sou criminosa!... vamos, cobriço-o bem!... Ora diz-me, acreditas que uma mulher, que não teve, como eu, desculpa alguma para tirar, possa tornar a vêr a face d'aquelle, a quem trazo, abraçar os seus cabellos brancos, dormir sobre o seu peito?... Ah! disse, disse... acreditas-o tu?...

ARTH. Theresa!...

THEA. Mas diz-me, se o acreditas, não te pergunto mais do que isso!

ARTH. Ah! de mim!... não.

THEA. Ah! tu és como eu, não é a-

sim?... Compreendes o crime, mas não a insolência... Ora pois, sou eu essa mulher que não pode desculpar; meu marido está a chegar... e, tu mesmo o disseste, eu não posso tornar a vê-lo...

ARTH. Se todavia...

THEA. Ah! não viste que não ha outro meio?... Metida, como estás, no caminho por onde me guiaste, é forçoso não olhar nem para os lados, nem para trás; é forçoso caminhar sempre... sempre para diante; — e quando em taes circumstancias se encontra um abismo... é forçoso que nos arrojjamos n'elle... Estás tu prompto para fugir, Arthur?

ARTH. Oh! é impossível!

THEA. Bem disse eu, que não ouzarias!...

ARTH. Mas esse velho... esquece-lo tu por ventura?

THEA. Sim, esqueço... como o assassino esquece a victima... Arthur! eu não o esqueço; eu quero fugir d'elle...

ARTH. Ah! mas abandoná-lo na velhice e na desventura!... Em qualquer parte, para onde fugirmos, ouvir as suas maldições, que nos perseguirão em toda a parte!... Oh! eu não o deixarei assim...

THEA. Mentos... Não é elle quem te obriga a ficar!

ARTH. Então quem?

THEA. Quando duas pessoas se conhecem como nós, leem claramente no coração uma da outra... e é isto muitas vezes o primeiro supplicio! Não é o velho quem te obriga a ficar, Arthur...

ARTH. Então quem? meu Deus!

THEA. Sua filha... Amelia... tua esposa!

ARTH. Theresa, eu te juro...

THEA. Não jures!...

ARTH. Pois bem... sim... perdoo-me, Theresa.

THEA. Ah!

ARTH. Essa menina, a quem tornei desgraçada...

THEA. E a mim!...

ARTH. Essa menina tão doce, tão tímida... que infeliza me occultou as suas mágoas, que chorando me occultou as suas lagrimas... cuja voz se altera... cuja saúde se enfraquece... essa menina, a quem prometti tornar ditosa...

THEA. E a mim nada me tinhas prometido? Não é assim?

ARTH. Ah! perdoo-me... perdoo-me, Theresa!

THEA. Ora pois; eu era sómente criminosa; tu queres que seja tambem hypocrita... Podia na tua presença chorar sómente... tu queres que tambem na tua presença me convergohe!... Pois bem, crime e vergonha, aceitarai tudo, porque tudo me provém de ti... Eu esperarei pelo Baffo.

ARTH. Uma carruagem!... (Theresa vai á janela.) Então?...

THEA. (Enfaticamente.) E ella.

ARTH. Onde me esconderei?... Ah! perdoo-me, Theresa!... perdoo-me!...

THEA. Retrai-vos... quereis perder-me?... (Arthur sai.)

THEA. (So.) Vamos, Theresa... vamos... um sorriso sobre os labios... E quem poderá conhecer se o teu rubor é motivado pela vergonha, se pela alegria?...

SCENA V.

THEA., DELAUN., AMEL., DUL.

DEL. (Na sala de fóra.) Mas onde é que está Theresa?... Theresa, onde está ella?...

AMEL. Ah! meu Pai! aqui a tendes.

DEL. (Abre a porta.) Então que é isso, minha Theresa! Laura, Delan e Amelia forão esperar-me ao fundo da escada, para me verem um instante mais cedo... e tu!...

THEA. Eu ia a descer...

DEL. Ah! de bom grado te perdoo por te encontrar tão bella, e tão viçosa... Amelia, conduze-me Arthur. (Amelia sai.) Tua sande... tua tão cara sande está pois restabelecida, minha Theresa?

THEA. Sim, vivo satisfeita...

DEL. (Sempre abraçando-a.) Ah! Deixa-me... Tu sabes o que eu queria fazer para te restituir a ventura.

THEA. Sim, deixae-nos.

DEL. Sei que sões excellente e generoso entre os homens... e se ha instantes, em que eu não tenha verdadeiramente apreciado o vosso coração... Ah! Deus sabe que não é n'este!...

SCENA VI.

Os mesmos, ARTHUR, e AMELIA.

AMEL. Vinde, Arthur, vinde!! Mas se eu vos digo que é meu Pai!

DEL. Vem, Arthur... Já vejo que é preciso ir procurar toda a gente... Mas que é isso!... que fazes?... Beijaste a mão?... Tu encolheste?...
ARTH. Oh! meu Pai!...

DEL. Este moço não é decididamente o mesmo homem... Eu presinri a Delaney.

DEL. Voltemos á ti, minha filha... Encontro-te pallida, ... demudada.

AMEL. (Com tristeza.) Aním?... Oh! não é nada.

DEL. Não te parece, Arthur?

ARTH. Que sei eu!... Mas, não, ... (A parte.) O meu Deus!...

DEL. (A Amelia.) Tu não me esperavas hoje, não é assim?... Mas eu lembrei-me do teu natalício; e não quiz deixal-o passar sem te vir dar um abraço. Tomei a posta; corri noite e dia, e aqui me tens... Estás satisfeita com a minha presença?

AMEL. Oh! — ... se estou!

DEL. (A Arthur, tomando e embolando.) Compede-me de vós. (A Delaney.) Deveis de vir enfadado, meu esposo; temos todavia hoje uma função, como sabeis, e para apparecer a ella será preciso mudar de vestuario.

DEL. Sim, é verdade; tenho alem d'isso mil cousas que dizer-te.

DEL. (Baixo a Delaney.) Tenho tambem que te fallar.

DEL. A mim?...

DEL. Chiton!

DEL. Então que é?... Vamos, Du-las, vem comosco, — Theresa, estamos á tua espera.

AMEL. (A parte.) O meu Deus! meu Deus! fortecei-me!

SCENA VII.

AMELIA e ARTHUR.

AMEL. Vós ides-vos, Arthur?

ARTH. Sim; ia trabalhar... Tinhas alguma coisa que dizer-me?

AMEL. Sómente uma palavra, e deixo-vos.

ARTH. Fallai.

AMEL. Meu pai encontrou-me pallida, e demudada.

ARTH. E verdade; eu mesmo o tenho notado.

AMEL. Ah! ainda bem!... Acreditaes que esta mudança não tenha um motivo, Arthur?

ARTH. Ao menos não o conheço.

AMEL. Eu vol-o digo... Sou infeliz!

ARTH. Vós!... e porque?

AMEL. Porque não me quereis bem.

ARTH. Amelia!...

AMEL. Já não me quereis bem Arthur, e é forçoso que seja por minha culpa... Tenho procurado em mim todo o que poderia ter arrefecido o vosso amor; parece-me que sou sempre a mesma, e que sómente vos amo cada vez mais.

ARTH. E que cousa pôde motivar que imaginasseis?...

AMEL. Tudo. Demais disso, ainda que tomásseis o trabalho de dissimular vossa indiferença, ha no coração de quem ama, um instincto, que a adivinha, Arthur: — mas vós nem mesmo vos impoendes essa obrigação.

ARTH. Como assim!...

AMEL. A culpa é vossa: porque me habituais a ser estimada, a viver rodeada de dissellos e de amor? Acostumai-me a isso; e agora, agora que vos vejo sempre distraído, preocupado...

ARTH. A mim?...

AMEL. Olhai, agora mesmo... Ah! eu estou a impacientar-vos, a affligir-vos... Escutai, escutai uma supplica... uma supplica, que vos faço de joelhos...

ARTH. Ah! Amelia!...

AMEL. Sim, uma supplica...

ARTH. Qual é?...

AMEL. Fazei por occultar a meu Pai a vossa indiferença; porque isso o tornaria desgraçado! Diante d'elle... uni-

camente diante d'elle mostrai-vos para comigo tão affavel como d'antes. Ah! vós não imaginades o amor que elle me tem! não imaginades quanto soffrerá!... Ora quando estivermos sósinhos nada exigirei de vós, nada; não me fallareis, se assim o quizerdes;... eu estarei no meu quarto, e vós no vosso... Oh!... sim... eu terei animo para isso... Mas sabi-o meu Pai!... vós-o en chorar!... Não, Arthur, ah!... não!... para isso é que eu não tenho animo.

ARTH. Amelia!... querida Amelia! ah!... mas se eu te quero bem!...

AMEL. *(Pondo-lhe a mão sobre o peito.)* O que tu dizes não vem d'aqui, Arthur, não... Olla; já não é esse o accento d'outr'ora, que fazia com que as tuas palavras persuadissem; o accento com que me farias acreditar impossiveis... Não, eu não reclamo mais nada, unicamente exijo o que acabo de dizer-te... Para tu por parecer que me amas, na presença de meu Pai?...

ARTH. Oh! sim, sim!... Comprehende-te de mim, Amelia! eu sou um desgraçado!... Mas tudo isto mudar; eu te juro!...

AMEL. Porém, meu Deus, que é o que tens?

ARTH. Nada... nada... pelo menos que possa dizer-te... tormentos, pezares unicamente meus...

AMEL. Se me quizesseis bem scribo de vós ambos...

ARTH. Continuas!...

AMEL. Não...

ARTH. Amelia!... é-me indispensavel a solidão.

AMEL. Disse-vos quanto tinha a dizer-vos; podeis retirar-vos, Arthur.

ARTH. Sim; mas depressa voltarei, Amelia... Tenho disposto tudo para um futuro plano da vida para que não nos separemos um do outro, para que...

AMEL. Eu dou por bem feito tudo quanto fardes.

ARTH. Vamos, vamos...

AMEL. *(Sorrindo-se.)* Até logo.

ARTH. *(Entrando no seu quarto.)* Quanto soffro!

SCENA VIII:

AMELIA, ANELIA, e LAURA

AMEL. Ah! quem me restituíri o meu Arthur d'outr'ora, suas maneiras desveladas e obsequiosas, seu posto pranteiro, e sua hóca gisonha? Pezzeres unicamente seus, diz elle... Ah! essas pezares são d'ambos, porque bem os conheço eu... Elle ama... elle ama outra!... Ah! pobre Amelia!... Meu Deus! meu Deus!...

SCENA IX:

AMELIA, e LAURA

LAUR. Que tens tu?

AMEL. *(Enquanto rapidamente, e com voz as lagrimas.)* Eu? nada...

LAUR. Tu choraste, Amelia... tu estás incl a chorar!...

AMEL. Não, não... enganaste... Porque havia eu de chorar?...

LAUR. Não sei; mas tens os olhos afogueados, o sei comprimido...

AMEL. Mas se te asseguro, que estás enganada!...

LAUR. Estou enganada... e os soluços a sufocam-te a voz!... Dize-me o que te afflige, Amelia.

AMEL. *(Sufocando.)* Ah! quanto sou infeliz!...

LAUR. Infeliz!... É não o sei eu, eu, a tua amiga da infancia, a tua irmã!

AMEL. Laura! minha querida Laura!... sim. Muito deixava eu dizer-te o que me afflige...

LAUR. Fallar em as nossas misoas é já uma consolação... Vejamos... falla... que é o que tens?

AMEL. Ah! é uma coisa horrorosa, que me magña; que me despedaça cruelmente... tormentos, de que eu não tinha idéa... Ah! Laura! Laura!... eu tenho ciumes!...

LAUR. Ciumes!... e de quem?...

AMEL. De quem, senão de Arthur?

LAUR. De Arthur?

AMEL. Sim.

LAUR. Como! Arthur, enganaste?

AMEL. Sim, sim... Não é verdade

que semelhante cousa é horrôrosa!... Eu querer-lhe tanto, e elle amar a outrem!... outrem que não a sua Amelia!

LAUR. Mas é incrível!

AMEL. Eu estou bem certa de que é verdade.

LAUR. Por que modo?

AMEL. Escuta! elle recebe cartas, e occulta-as... Outro dia vi que recebeu uma; beijava-a, apertava-a ao coração... Ah! tu não podes imaginar o que é o ciame!... elle gela tudo... Era no instante; em que tinha um segredo a communicar-lhe, um segredo que em outro tempo nos eueheria de satisfação a ambos... Ah! eu não tenho animo!...

LAUR. E essas cartas?...

AMEL. Tenho observado onde elle as esconde, e trinta vezes... tenho vergonha de o confessar, Laura... mas trinta vezes tenho estado a ponto... seria muito mal feito, não é verdade?

LAUR. E onde as esconde elle?

AMEL. N'uma gaveta occulta do guarda-roupa, que está no gabinete. Mette-as em uma carteira, onde estou certa que ha muitas, e fecha a carteira n'esta gaveta.

LAUR. Como assim! concebeste semelhante suspekta, e não te asseguras!...

AMEL. De que modo?

LAUR. Parece-me que não ha mais do que um...

AMEL. Oh! seria horrivel!

LAUR. Mas pôde ser que elle guarde com cautela a chave do guarda-roupa.

AMEL. *(Tira uma chave do bolso.)* Tenho uma, de que elle não sabe...

LAUR. Queres que vá contigo?

AMEL. Ah! não, não... De que valia isso?... seríamos surprehendidos ambos!...

LAUR. Pois bem, vai sózinha.

AMEL. Jamais terei animo para ler uma d'essas cartas.

LAUR. Escuta: traze para aqui a carteira toda; eu a abrirei, e te direi que é uma escovada por te inquietares assim; pois estou bem certa de que essas cartas são de ser papéis de negocios, e não bilhetes de namorado... e tu as tornarás immediatamente a levar.

AMEL. Espero que sejas discreta, Laura!... Oh! tens razão: eu sou tão feliz, que é forçoso pôr termo a esta

inckertez... E se for mal feito... ah! Deus, que vô quanto soffro, me perdoarás talvez!

LAUR. Animo!... Aqui te aguardo...

(No momento, em que Amelia entra no seu quarto, vê Delunay do lado.)

SCENA X.

DELAUNAY e LAURA.

DEL. *(A parte.)* É na verdade bem extraordinario o que Dalau acaba de dizer-me. *(Vendo Laura.)* Laura!... *(Faz para ella.)*

LAUR. *(Voltando rapidamente.)* Senhor!...

DEL. Acnde está Amelia?

LAUR. Está... no quarto de seu marido, julgo eu...

DEL. *(Atravesando o Theatro.)* Bem.

LAUR. *(Demorando-o.)* Ella volta já...

DEL. *(Voltando.)* Queria perguntarte uma coisa, Laura... Tenho notado a pallidez de Amelia... e tenho-me inquietado com isso... Terá ella alguma coisa, que a afflija?

LAUR. *(Responde.)* Que a afflija?... Sim, senhor, tem...

DEL. E quem se animaria a causar afflicções a um anjo assim? Espero que não fosse Arthur...

LAUR. Escuta!... Vós não lho direis!...

DEL. Falia!

LAUR. Pois bem... é elle!

DEL. Ah!... vou immediatamente procural-o.

LAUR. *(Suspeita-o.)* Não... não vades... Amelia enganou-se talvez...

DEL. Embora! Arthur é um homem honrado... e dir-me-ha...

LAUR. Não, senhor, não; mais val esperar... Amelia vai saber em breve se sim, ou não se enganava.

DEL. Como assim?...

LAUR. *(Tremendo.)* Cartas...

DEL. Cartas nas mãos de Amelia!...

LAUR. Não, senhor, ... ella não ouzará abri-las... Tral-as-ha para aqui, e ambas...

DEL. *(Com severidade.)* Idemot embot, Laura.

LAUR. Porém Amelia...

DEL. Encontrará aqui seu Pai em

vez de sua amiga... Julgues que não possa confiar-me o segredo, que vos confiaria a vós?

LAUR. Eu me ausento, senhor.

DEL. Instai com a Baronessa para que se vista depressa, e fazei favor de mandar acender as lustres.

LAUR. Não me queira mais nada?..

DEL. (Com insistência.) Não, minha filha... Mas deixai-me.

SCENA XI.

DELAUNAY *(só)*, e logo ANELIA.

DEL. Ah! se assim fosse, seria uma coisa horrível!... Confiar eu á sua honra uma filha caudice, innocente e pura; e elle enganar-a!... Oh! esta rapariga não sabe o que diz: é impossível!

ANEL. (Entrando pallida! e a tremor.) Toma, Laura, ... cá-las aqui. (Fendo Delaunay.) Meu Pai!... (Encostando a carteira detras das costas.)

DEL. (Com frieza.) Anelia, di-me essa carteira.

ANEL. Como!... como!... Vós quereis...

DEL. Sei tudo.

ANEL. (Lançando-se em seu braços.) Ah!...

DEL. Tu padeces, e vais queixar-te a outrem, minha filha!... Não sou eu já teu Pai, teu querido Pai?...

ANEL. Ah! pois não sões!... sim, sim... sões o meu querido Pai!...

DEL. Por que motivo confessaste a Laura o que só a mim devéras dizer?

ANEL. Ah! meu Pai! ella surprehendeu-me a chorar...

DEL. Logo reputas-te inteliz, pobre Anelia?

ANEL. Sim, bem infeliz!

DEL. (Sem vêr a carteira, que Anelia conserva sempre oculta.) E suspeitas que essas cartas sejam de uma rival?

ANEL. D'isso estou eu bem certo!

DEL. E láas confiás a Laura, a uma rapariga, um segredo de tamanha importância!... Essas cartas, Anelia, cuncto a deshonra de uma mulher... d'um marido talvez... e tu láas arrojas ao vento a sua reputação!

ANEL. Ah! eu obreei mal, bem o sei; mas estava lóra de mim, tinha a cabeça desorientada... não sabia o que fazia.

DEL. Di-me essas cartas.

ANEL. Aqui as tendes, meu Pai... se não forem de alguma mulher, confessai tudo a Arthur... e pedi-lhe perdão em meu nome; se eu não me enganar, restituí-me a carteira, que eu a tornarei a pôr onde estava... Mas occultai-me o nome d'essa mulher... odiai-a-his... Depois apertai-me bem contra o vosso coração, porque bastante necessidade terei do vosso amor, e da vossa piedade... E mórmente perdoai a Arthur, como eu já lhe perdoo.

DEL. Tranquilliza-te, minha filha; eu terei prudência.

ANEL. Dai-me um abraço, meu Pai; porque me sinto mais aliviada, abraçando-vos... Adcos!... Adcos!... Ah! se é verdade que eu me enganar, ide depressa dizer-mo!...

(Durante esta scena tem-se accendido as lustres da sala immediata, que os creados muitas vezes tem atravessado.)

SCENA XII.

DELAUNAY *(só)*.

Pobre filha!... tão nova, e já sofrer!... sim, o embaraço, que Arthur patesteu quando me viu, causou-me logo impressão, senti que se me apertava o coração apenas divisei a pallidez de Anelia... Um segredo d'esta importancia abandonado a duas crianças!... — (Abre a carteira.) Um retracto de mulher! — (Aproxima-se a uma luz.) Theresa!... O retracto de Theresa em poder de Arthur!... Donde provém isto?... Estas cartas... vejamos as cartas... A letra de Theresa!... — (Abre uma.) «Amado Arthur.» Maldição!... — (Coe sobre uma cadeira.) Mas não, — (Rindo.) É loucura!... eu li mal... Vejamos... Ah! minha vista se perturba... — (Bate com o pé no chão.) Tua Theresa!... (Aberta, e esfrega o papel entre as mãos.) Infame!... Era ella, a quem o vil tinha conhecido em Napoles, a quem tinha amado! E sou eu quem lhe trago o Inferno! Oh! venhão para mim! venhão!

para mim... querô alguma coisa para quebrar, para despedaçar!... Ah!... Arthur! Arthur! Desgraça, e morte venha sobre ti!... Sangue! sangue!... É-me necessário sangue!... — *(Corre para o quarto, e pára.)* Um motivo!... uma prudência! de que seria forçoso dizer a causa!... Inusitado!... Oude, como procurar um pretexto!... Elle pôde demorar-se a apparecer, e em, durante esse tempo... eu... mas eu abalo!... O meu coração pôde arrebeutar, e fazer-se em pedações, eu posso morrer... morrer! e não me vingar!... e deixá-los!... Ah! é impossível!... Vou moilho-o chamar... fazel-o aqui vir... e a sós, a sós com elle...

(Vai para chamar. — Apparece um criado, annunciando a chegada de diferentes convidados.)

O CARIÓ. O senhor Serçannes, o senhor General Clemente.

DEL. Mas que querem estes homens? que vem elles aqui fazer? — *(Notando que todos vem em traje de baile.)* Ah! sim, um dia de anno, ... uma função... Oh!

(Cae sobre uma cadeira, n'uma especie de convulção.)

SCENA XIII.

DELAUNAY, O GENERAL CLEMENTE, O SENHOR SERÇANES, VARIOS CONVIDADOS, DULAU, *(que vai ao seu encontro.)* depois O BARÃO DE SORBIN, THERESA, ARTHUR.

O GEN. Boas noites, meu caro Delaunay.

DEL. Boas noites, General... muito folgo de vos vêr...

DEL. Vosso servo, General... Temos hoje uma função de anno; e taes dias são assigualados na vida de um País.

DEL. *(Rindo.)* Sim... sim... são dias alegres!... — *(Ao senhor Serçannes.)* Senhor!...

O CARIÓ. *(Annunciando.)* O senhor Conselheiro, Barão de Sorbin.

O BAR. DE SORB. Eu quizera fallar a Arthur antes de entrar no salão...

O CARIÓ. Elle está no seu quarto.

THER. *(Saludo de seu quarto ricamente ataviada.)* Como! senhores! Apenas chegaes, deixais-me só!

O GEN. Ah! senhora Baroneza, nós ignoravamos...

DEL. *(A parte.)* Sua Theresa!...

DUL. Vinde, senhor Serçannes, vamos á nossa partida de Boston... nós não dançamos... *(Sole com o senhor Serçannes.)*

THER. Senhor General, teade a bondade de entrar no salão.

DEL. Não, não, eu ficarei com o General... Ide receber essas senhoras.

(O criado annuncia muitas senhoras, que entram. — Theresa recebe-as com affabilidade, e abraça as Donzelas.)

THER. *(A uma das mais novas.)* Cada vez mais bella, minha filha... Entrai no salão, onde encontrareis Amelia e Laura... e o vosso excellento amigo Dulau, que tanto gostaes de fazer curivar.

(Arthur e o Barão de Sorbin saem do quarto de Arthur. — Theresa e Arthur saem por um instante defronte um do outro. — Delaunay fixa os olhos n'elles.)

O BAR. DE SORB. Senhora Baroneza...

THER. Vamos encontrar-nos todos no salão, senhores. *(Sole.)*

ARTH. N'um momento.

DEL. Ah!...

O BAR. DE SORB. *(Mostrando Arthur.)* Senhores, tenho a honra de vos apresentar um enviado extraordinario da corte de França em S. Petersburgo.

DEL. Arthur!...

O GEN. e o Sr. Sazç. Recebei os meus parabens.

O Sr. Sazç. E desde quando tereis lugar o vosso despacho?

ARTH. Esta mesma tarde, ... e despacho e noticia, devo tudo ao senhor Barão de Sorbin...

O BAR. DE SORB. A modestia impede-o de acrescentar, que S. M. junta a este despacho o titulo de Barão, e a cruz da legião d'honra.

O GEN. Como! Eis ali o que é magifico!... Accitai os meus sinceros parabens.

ARTH. (*Inda para Delaney*) E vós, meu Pai...

DEL. (*A parte*) Sem Pai!...

ARTH. Não me dais os parabéns!...

DEL. (*Erguendo-se, e encucando-o*) Com effeito, senhor, ha grande motivo para isso!...

ARTH. (*Beccia*) Todavia, meu Pai... senhor... acreditava eu que ninguém com mais razão...

DEL. Hei de applanir uma injustiça porque essa injustiça favorece meu genro? Hei de julgar uma coisa boa feita, porque ella é vantajosa?... Estaes enganado.

ARTH. (*Estupefacto*) Mas eu não posso explicar...

DEL. Eu vou fazel-o...

O GEN. Perdus, Delaney!...

DEL. (*Fóra de si, e levantando a voz*) Ah! Deixai-me, General. Que é isto, senhores! Não vos espanta, não vos escandaliza tal injustiça?... E ficas emudos?... Um despacho para enviado extraordinario, concebo; quando se não sabe o que se ha de fazer de um homem, ... quando um homem não serve para nada, e todavia os ouvidos do ministro estão enfastiados de ouvir pronunciar o seu nome, faz-se d'esse homem um enviado extraordinario, ou um conselheiro d'Estado... Optimamente!

ARTH. Que dizeis!...

DEL. Silencio, senhor!... Mas que a esse homem, que nada praticou ainda em prol do seu país, que conserva ainda nas suas veias todo o sangue da juventude, que a esse homem se dá o mesmo titulo que aquelle, cuja fronte tem encanecido, nas fadigas dos *divanes*, a mesma recompensa, que aquelle, cujo sangue tem corrido sobre vinte campos de batalha... Ah! isto é uma irrisão amarga e escandalosa de tudo quanto é nobre e grande, isto equivál a não ouzitar um homem comprimentar a outro, que encontrar na rua com uma fita, e um titulo igual ao seu!

O GEN. Meu amigo!... meu amigo!...

DEL. Se absolutamente querem amontoar sobre esses peitos de innocentes gálles e fitas, se querem accrescentar titulos ao nome de baptismo de taes crianças, mandem-os para o Santo Padre,

que os nomeará Cavalleiros Serventes, e os enfeitará com a *Epoua d'ouro*.

O BAR. DE SOBR. (*A Arthur*) Meu amigo, a cêlera de vosso sogro provém de terdes a cruz, em quanto elle...

ARTH. Oh! tendes razão.

O BAR. DE SOBR. Dizei-lhe que faremos o que podermos...

ARTH. (*Aproximando-se*) Meu Pai, concebo que seja penoso a um antigo militar do Império, como vós, o ver um moço, que confessa não ter merecimentos para isso, condecorado com uma cruz, que por tantas vezes tendes merecido... Crêde porém, que o ministro se não esquivará ás nossas sollicitações...

DEL. Agradecido!... Visto isso, sa-reis vós o meu protector, não é assim?... Falso!...

ARTH. Ah!... senhor!...

DEL. Ser-vos-hão necessários quatro annos da vossa vida, nada menos, unicamente para andar de campo de batalha em campo de batalha a examinar os sitios onde correrá o sangue do vosso protegido... Oh! não, não, agradecido!... o vosso tempo é nimiamente precioso; e a tarefa seria nimiamente longa.

O BAR. DE SOBR. Mas, senhor, esta cruz concedida a Arthur é tambem uma recompensa de sangue derramado: seu pai morreu na *Pendée*, combatendo pela causa Real.

DEL. Contra a qual eu combatia n'essa época... Concebo que se faça alguma differença entre nós ambos: seu Pai batia-se por um homem, eu pela França!

ARTH. Senhor!... Eu posso sofrer as injurias, que são dirigidas unicamente a mim; todavia aquellas, que são dirigidas a meu Pai...

DEL. Todo o homem, que pèga em armas contra a sua patria, é um traidor... e seu filho é o filho de um traidor.

ARTH. Senhor, quando se derrama demodadamente por um principio o proprio sangue, seja qual for esse principio, a ferida, d'onde elle corre, pôde mostrar-se a todos, porque é uma ferida honrosa.

DEL. Arthur! havieis dito que não deixarieis insultar vosso Pai... eu in-

suble-o, e insulto-a ainda... calquei-as péis á sua memoria.

ARTH. O' meu Deus! meu Deus!!

DEL. Disse-vos que eris um fatuo; egarei-me; sões um covarde! (*Bargando a lora com os dentes*) E se isto não é bastante... (*Atirando-lhe com os pedaços da lora*) Tomai!

ARTH. Já que a isso me obrigaes, senhor...

DEL. (*Apertando-lhe a mão, e em voz baixa*) A manhã (*Neste instante apparece Amelia, e vê seu Pai e Arthur dando-se as mãos*) Amanhã ás seis horas, no bosque de Bolonha... General, sercis o meu Padrinho,

O GEN. Porém, Delannay!...

DEL. (*Apertando-lhe a mão*) É um diablo irremissivel, um diablo de morte, percheis?... (*Atirando Amelia*) Minha filha!... Faz-se necessario que minha filha ignore tudo, senhores. — Entrai para o salão, tende a bondade de entrar. — (*Entrão para o salão. — Amelia fica no fundo*) Ah! agora eu me vingarei!... (*Cão sobre uma cadeira*)

SCENA XIV.

DELAUNAY e AMELIA.

(*Amelia depois de todos sairem, vai lançar-se nos braços do Pai*)

AMEL. Ah! meu Pai! o que estou de contente! o que sou de feliz!

DEL. Feliz! contente!... Porque motivo?

AMEL. Não vos vi eu apertar a mão a Arthur? Ah! eu adivinhei tudo.

DEL. E que adivinhaste?

AMEL. Que estava innocente, visto que vos reconciliastis com elle... que as cartas não pertencião a mulher alguma... Não é isto?

DEL. Sim, é isso, minha filha,

AMEL. Seguramente?

DEL. Digo-to eu. (*A' parte*) Poltro filho!

AMEL. Agora posso amal-o como d'antes, e mais ainda, porque...

DEL. Então?...

AMEL. Ah! uma novidade... que eu não lhe disse a elle, porque julgava que não me queria bem... e que só hoje vos queria dizer, a vós, por ser o dia dos meus annos...

DEL. (*Sufocado*) Ah!... e que era?...

AMEL. A pallidez, que me tendes notado...

DEL. Então?...

AMEL. Não era unicamente motivada pelos meus pezares... Eu padeço...

DEL. Tu!...

AMEL. Ah! mas padecimentos bem doces... cuja causa conheço, e cuja causa me é bem cara!... comprehendes?...

DEL. Não...

AMEL. Pois...

DEL. Pois que?...

AMEL. Actualmente, quando peço a Deus pelos dias de Arthur, peço não só por meu esposo, mas tambem pelo Pai de meu filho...

DEL. (*A' parte*) O Pai de seu filho!... E amanhã a mão viuva, o filho orfão!... E hei de ser eu!... Ah! meu Deus! isto é infernal!... Ah!... Ah!... (*Atro*) Amelia!... Amelia!... vem para mim!... acode-me!... Ah!... tu não sabes quanto soffro!... quanto padeço!... (*Querendo arrojarse para fóra da sala*) Ah!... Quero respirar o ar livre!... o ar livre!...

(*Cão junto da porta. — Amelia corre para elle*)

AMEL. Meu Pai desmaiado!... Socorro! socorro!...

(*Entrão todos, e rodeião Delannay desmaiado*)

FIM DO QUARTO ACTO.

ACTO QUINTO.

(A mesma decoração. — São cinco horas da manhã.)

SCENA I.

PAULO e THERESA.

PAUL. **M**anda o senhor Barão, que peço a cortinagem prompta antes de dez minutos.

THER. *(Que se a entrar no seu quarto.)* Quem deu essa ordem, Paulo?

PAUL. O Barão, senhora.

THER. E para que são esses aprestos?

PAUL. Não sei...

THER. *(A parte.)* É notável!... *(Alto)* e sabeis vós porque motivo o Barão, depois da sua indisposição, não tornou a entrar no seu quarto?

PAUL. Ouvi-lhe dizer, que ia procurar o senhor Dulan: — é tudo o que sei.

THER. Mas eu queria vê-lo: não posso entrar para o meu aposento com taes inquietações... vou ao quarto de Dulan.

PAUL. A porta está fechada.

THER. Como assim!...

PAUL. Senhora, tendes animo?

THER. Que aconteceu?

PAUL. Uma pendência com Arthur.

THER. Com Arthur!... mas foi sem dúvida de pouco momento?

PAUL. Batem-se dentro em duas horas.

THER. Grande Deus!... Que me dizem Paulo?... Baterem-se!... é possível... o sogro, e o genro!... De certo vos enganais!... Percebesteis mal...

PAUL. Ainda que eu nada tivesse ouvido; que não tivesse observado mais que um unico de seus gostos, que um unico volyer de seus olhos; eu vos affirmaria

que se batem hoje... e acrescento ainda mais, que o duello é de morte.

THER. Oh! que rematada loucura!... É preciso que eu veja o Barão, que lhe falle!... que... alcance d'elle...

PAUL. E se elle souber tudo?...

THER. E verdade!... Que opprobrio!... Pois bem! A Arthur é que devo fallar; exigirei d'elle que se não verifique este fatal desafio... tenho todo o direito a conseguilo...

PAUL. Ide ao quarto de Arthur... Elle deve ter entrado neste instante... intimai-o que venha, que o espero, que forçosamente lhe hei de fallar, eu mesma, a propria Theresa...

Não venhas sem elle... Estais inteirado? Supplicar-lhe-heis com todas as vossas forças... não é assim?... Oh! meu Deus! parti, Paulo, parti!...

PAUL. *(Suspendendo-se.)* O Barão!...

THER. O Barão... Ah! não me atrevo a aguardal-o... Se eu pudesse saber...

fazer com que se demore aqui... para vêr se vos diz alguma coisa... eu escondo-me-hei detrás desta porta...

Ah! mas eu estou louca: elle nada dirá... vem procurar Arthur para se baterem... Oh! eu me arrojarei entre ambos...

PAUL. Eil-o!

THER. *(Escondendo-se precipitadamente detrás da porta.)* Oh! meu Deus!... misericórdia!...

SCENA II.

DELAUNAY e PAULO.

(Delaunay entra vagarosamente, vai sentar-se em um dos lados do Theatro. — Passado breve tempo, volta-se, e dá com os olhos em Paulo.)

DEL. Paulo!...

PAUL. Senhor!...

DEL. Que ia eu a dizer? Ah! sim... a lição já terminou há muito tempo?

PAUL. Acabárho agora de sair as últimas pessoas.

DEL. Que horas são?

PAUL. Cinco.

DEL. E a sege?

PAUL. Em executei as vossas ordens.

DEL. *(Estendendo-lhe a mão.)* Obrigação, meu amigo... *(Deixa cair a cabeça sobre o peito. — Pausa de um instante.)* Paulo...

PAUL. Senhor?

(Delaunay volta a cabeça para o quarto de Theresa — quer fallar; depois revolvendo os olhos, arranca um suspiro.)

DEL. Dizei a Arthur, que o estou aguardando. *(Paulo estremece. — Delaunay corrigindo-se.)* Eu não vol-o ordeno Paulo, peço.PAUL. Eu lá vou, senhor. *(Só pela porta lateral, alçando para o lado de Theresa.)*

SCENA III.

DELAUNAY, só.

É forçoso que assim aconteça... desditoso de mim!... mas só de mim... Eu quiz transgredir a ordem da natureza; quiz abraçar a morte com a vida, a juventude com a velhice... Desditoso de mim!... *(Levanta-se, dá alguns passos, e fita os olhos na porta por detrás da qual se tinha escondido a Baroneza.)* Theresa!... Theresa!... *(Cominça vagarosamente para a porta, e encosta a cabeça á parede.)* Quantas vezes passei o lumiar desta porta... com este coração cheio de alegria, e palpitando como o coração de um jovem!... que insensato!... ou antes queo feliz, sim, queo feliz não era!..

PAUL. *(Da outra porta.)* O senhor Arthur está fechado por dentro; parece que não deseja comparecer.

DEL. Dizei-lhe que lhe peço... tomaste bem sentido?... que lhe peço *(Paulo vai-se.)* Sim, entendo perfeitamente: eu sou menos infeliz do que elle: eu soffro, mas elle envergonha-se... Vamos, vamos, animo!... Como estou enfraquecido! como estou fatigado!... Desde hontem para cá tenho envelhecido dez annos.

PAUL. *(Entrando.)* El-o ahí vem.DEL. Bem, meu amigo. Deixai-nos sós. *(Paulo váe.)*

SCENA IV.

DELAUNAY e ARTHUR.

(Arthur pallido, e abatido entra pello a passo, pára no terço do Theatro, e abaixa os olhos.)

ARTH. Mandasteis-me chamar, senhor?

DEL. Sim, mandei — aproximai-vos... e tomai assento.

ARTH. *(Conservando-se de pé.)* Obrigação...

DEL. Havieis de estranhar, senhor, o meu procedimento de hontem?...

ARTH. *(Com timidez.)* Não posso atinar com a sua causa.DEL. *(Com vivacidade.)* A causa é a que sabeis... não procuréis outra.ARTH. *(A' parte, alçando a testa.)* Ah!... respire.

DEL. Todavia semelhantes transportes não são proprios da minha idade: — O espaço de sessenta annos era assez para conducir os homens, e por conseguinte as suas injustiças devião fazer-me menos impressão... Eu choro mal.

ARTH. Vós Senhor!...

(Pratica um movimento, juntando as mãos.)

DEL. Obrei mal, senhor... por isso vos supplico, que viciéis para uma satisfação vos dar...

ARTH. Vós, senhor, satisfação a mim!... Oh! meu Deus!... sem dúvida...

DEL. Porém, como a offensa foi pá-

blim, também deve ser pública a reparação. Como o ultraje foi praticado em presença de um homem, a cujos olhos deveria parecer *para o mundo*, para que elle vos não perca a affeição, deliberei-me a escrever ao senhor Barão de Sorbin, e eis aqui a carta: encargo-vos de li'a entregar.

ARTH. (*Espellando a carta*.) Oh! senhor!...

DEL. Não... accedai-a, esta é a minha vontade.

ARTH. Mas eu, senhor, não terei tambem alguma cousa de que me arrepender... nesta... nesta differença?... Não tenho eu nada a fazer?...

DEL. O que tendes a fazer, eu vou dizer-vol-o (*Toca a campainha—apparece um criado*.) A sge está prompta?

CRIADO. Sim, senhor Barão.

DEL. Ide-vos. — Perguntaes-me se não, que vos resta a fazer — não vos falta senão partir.

ARTH. Partir!... e quando?

DEL. Dentro em dez minutos.

ARTH. Anella?

DEL. Ha de acompanhar-vos.

ARTH. Com tal pressa!...

DEL. Acabaeis de ser despachado para S. Petersburgo — as vossas credencias forão-vos hontem entregues. — O alvará da vossa condecoração está já assignado. — Partis cheio de honras, e apto para alcançardes ainda mais, não é assim? Que mais vos falta?

ARTH. Mas partir tão depressa!

DEL. (*Encolerizado*.) Insultei-vos, e dei-vos satisfações; esta carta prova que o cobarde não sdes vós... sou eu... Que mais vos é preciso?...

ARTH. Todavia, senhor!

DEL. (*Ainda mais encolerizado*.) Essas injustiças, que hontem me terião despedaçado o coração, se a cólera me não alliviasse... encerto-as hoje dentro do meu peito; se não posso extinguir o odio e o despeito, que me exalário, fago ao menos por occultal-o: de offendido, que era, deço a supplicante, supplico-vos, que partaes... Mas dizê-me, dizê-me que mais vos é preciso ainda?

ARTH. Oh! deixai-me despedir dos meus amigos... deixai-me até minha...

DEL. (*Erguete, não podendo já ter mão em si*.) Mas quem é o que tendes ainda a dizer-lhe?...

ARTH. (*Encolando*.) A quem?...

DEL. A'quella, que nera vós, nem eu podemos nomear d'aqui em diante na presença um do outro.

ARTH. Ah!...

DEL. É preciso, Arthur, que sejas bem cego, e bem insensato!... Eu renuncio ao unico bem, que me restava no mundo, áquillo, que faria com que fechasse os olhos sem amaldiçoar a Deos, á unica cousa, que faria com que pudesse dormir tranquillo no meu túmulo... á vingança... renuncio a ella para não deixar viva a minha filha, e orfão o meu neto... e vós... vós não védes isto se não uma fraqueza, de que vos aproveitaeis... sem adivinhar a sua causa... Acreditaes por ventura, que os annos hajão quebrantado as minhas forças? Inconsiderado manco!... sabeis pois que, se esta mão apertasse a vossa, vos obrigaria a cair de joelhos com a força da dor... e que se vos apontasse aos peitos a bôcca de uma pistola, ou a ponta de uma espada, chumbo ou aço vos iria direito ao coração!... Eu queria que partisseis sem que houvesse explicações entre nós ambos: e nada mais; não estiveseis por isso; pois haja-as. — Sou eu quem vol-as peço... sou eu quem vol-as exijo... sou eu quem vou para vós... (*Caminha para elle*.) Vejamos, vejamos se osareis dar-m'as em pé...

ARTH. (*Correndo de joelhos*.) Ah! perdoai-me! meu pai! perdoai-me!...

DEL. Ora pois! de joelhos! miseravel! sim! de joelhos!... o que vós mereciis era que vos esmigalhasse a cabeça debaixo dos meus pés!... (*Encolando*.) Vós não podeis imaginar quão infame foi o vosso comportamento!... E se eu não houvéra podido supportar, como supportei, o vosso crime, se eu houvera leito saltar os miolos fóra a mim mesmo com duas balas, como s'um usamento tive tenção de fazer... acreditaes que o sangue do velho, que ainda ouzoes chamar pai, não fceria escorrendo gota a gota, por uma eternidade, sobre o vosso coração, abrasando-o como chumbo derretido?... Dizê: credes

por ventura, que haveria para vós um dia de descanso, uma noite de sono, um instante de ventura?... Dizei: credeis no mesmo?...
 ART. (*detachando-se a seus pés*) Oh! não o creio, não...

DEA. Ora bem, quando eu quero reservar para mim só vigias, e vigias, quando quero pôr por vos um martyrio d'este mundo, e um inferno no outro, quando para isso vos peço unicamente que parteis... que partaes, ignorando tudo, e por tanto sem recursos!... é então que queris ficar; que não adeyinhais nada; e que é preciso que vos diga tudo... Ora pois, agora que o sabeis, parti, parti agora, e levei a minha maldição...

ART. Ah! morrerei antes, que partir amaldiçoado por vós!

DEA. (*Trava-o pelo braço, e obriga-o a erguer-se*) Parti, que mando eu! Parti, porque posso fazer mais do que amaldiçoar-vos!... Parti!... Vou abraçar, e preparar minha filha... Quando voltar, já aqui não quero encontrar-vos... Depois da minha morte... podéis cá tornar.

ART. Ah! o vosso perdão!

DEA. Afastai-vos!... — (*Arthur rebaixa*) Tornei feliz a minha Amelia, senhora, e com esta condição, unicamente com esta condição, ouvis? á hora da minha morte talvez vos perdoreis... Mas vá lá... (*fendo*) Oh! vós fazeis zombaria disto!...

(*Entra no quarto de Amelia: Arthur segue-a com os olhos. — Entrando de Theresa do seu aposento peltado, e abrida, e vai sentar-se na cadeira, em que esteve Delacour.*)

SCENA V.

THERESA, sentada. ARTHUR.

ART. (*Sem se voltar para o lado onde está Theresa, que elle não presencio*) Que vergonha! que abysmo! que inferno!...
 THER. Tendes razão: é horrivel!
 ART. (*Fitando-lhe*) Theresa!...
 THER. Estava por detrás daquella porta: ouvi tudo.

ART. (*Detachando-se elevando*) Oh!... Oh!... Bem vós o tinha eu dito!...

THER. Sim, sim... a culpa foi minha... só minha!... (*at' parte*) A punida cerei tambem só eu!

ART. Que fazer?...

THER. Partir... não vol-o ordenou assim o anciso?

ART. Partir!... e vós?...

THER. Não vos dê cuidado a minha sóto; Arthur... No dia em que eu encaisei a meu marido... tomei... para a realizar no momento em que elle descaheisse a minha culpa, uma resolução... que hoje mesmo tenciono pôr em pratica.

ART. E qual é? dizei-ma porque tremo!...

THER. Socegai, Arthur: se o cumprimento d'essa resolução me não tornar ditosa, tornar-me-ha tranquilla... ao menos assim o espero... Mas parti, ah! parti!...

ART. A vossa mão!...

THER. Nada... Arthur, não!... Uma ultima caricia no momento, em que estamos, pesaria mais na balança divina, que todos os meus erros passados!... Adeos!

ART. Para sempre?...

THER. Para sempre!

ART. Adeos. (*São precipitadamente*)

SCENA VI.

THERESA, depois PAULO.

THER. Parte... Arthur... parte, e se ditoso!... Já não tenho n'alma nem amor, nem ciúme... E permita Deus que eu fique tão tranquilla como te disse!... Ah! Paulo!...

PAUL. Supponz que poderis precias de mim, senhora.

THER. Esperava por vós, Paulo.

PAUL. Aqui me tendes!

THER. Quando deixastes a Italia pela França, deveris pensar que n'um paiz estrangeiro, isolado, como leis ser, podia acontecer-vos uma daquellas desgraças, ás quaes ninguém sobrevive...

PAUL. Femei que podeis morrer, senhora!

THER. E essa desgraça, fosse ella

qual fosse, deveríeis prevenil-a anticipadamente com algum meio...

PAUL. Com dons, senhora.

THER. Quêes são?

PAUL. Este veneno, e este panhal.

THER. Reparti comigo.

PAUL. É pois certo que elle sabe tudo?... ..

THER. Tudo.

PAUL. Bem... Tomai. *(Dá-lhe o veneno.)*

THER. Agradecida. Tu comprehendes-me... tu, Paulo!

PAUL. Permetti que vos heije a mão! — *(Ergue-se, e dá-lhe para a porta, por onde Arthur saiu.)* O coharde!

THER. Que dizeis?... ..

PAUL. Nada... Digo que quem chega a amar-vos, e vos perde deve morrer!...

THER. Adeos, Paulo!... Restão-me poucos instantes... e tenho a fazer as minhas orações...

PAUL. Ora! por duas pessoas, senhora!

(Beija o vestido de Theresa em baixo, e sôta.)

THER. *(Ergue-se para entrar no seu quarto.)* E voltarei para llic pedir perdão.

SCENA VII.

THERESA, indo para entrar no seu quarto; AMELIA, entrando pelo lado opposto.

AMEL. Maman!... querida Maman!...

THER. Amélia!... Ah!...

(Faz um movimento para evitar a sua presença.)

AMEL. Acaso não sabeis que me amonto?

THER. Sei...

AMEL. E não quereis dizer-me zêcos?... ..

THER. *(Abrupto-a.)* Adeos, Amélia...

AMEL. Minha querida Maman! uma palavra, um minuto se quer, eu vol-o peço...

THER. *(Voltando para a scena, e cobrindo sobre sua cadeira.)* Que me quereis tu, minha filha?

AMEL. Eu deixo meu pai... elle fica tão triste!...

THER. Sim!...

AMEL. Sua filha parte para longe; Laura casará dentro em breve; Dulau, mais idoso que elle, pôde morrer; sêes vós quem unicamente fizeses com elle!...

Ah! Tornai-o ditoso, tornai ditoso a meu pai; e alcançareis as bezações das pessoas, que vos amão.

THER. Ah! minha menina!... minha filha!...

AMEL. Eu serei de todas essas pessoas quem mais vos hemdirei, e o vosso nome será nomeado em todas as minhas orações!

THER. Ah! não esqueças jamais o que acabas de prometter-me!

AMEL. Oh! nunca!... E, se Deos me ouvir, sereis ditosa.

THER. E tu, sel-o-has?... ..

AMEL. Serei, sim, porque Arthur me quer bem, e a minha dita consiste no seu amor... Ah! olhai, mamam, muito sofri ha um instante! muito sofri, porque dividei...

THER. *(Com simulação.)* Tu!... Mas estês desenganada?

AMEL. Eston; e já não tenho ciúmes.

THER. Pois tiveste-os?

AMEL. Mais do que podeis imaginar!... e obrigou-me isto a praticar uma acção...

THER. Qual foi?... ..

AMEL. Oh! foi horrivel!... e não me sinto todavia com forças para me arropender, porque sem isso ainda seria desgraçada.

THER. Então que foi o que fizeste?

AMEL. Arthur recebia cartas...

THER. E tu?... ..

AMEL. Que escondia n'uma carteira.

THER. E depois?... ..

AMEL. Eu tinha uma segunda chave do armario, em que elle a guardava; e hontem, durante o haile, apoderei-me da carteira.

THER. E abriste-a?... ..

AMEL. Não; entreguei-a a meu Pai *(Inclinando a cabeça sobre o seio de Theresa.)* Ah! foi muito mal feito, não é assim?... ..

THER. *(Inclinando as mãos sobre a cabeça inclinada de Amélia.)* Filha!... Eu te perdoo a minha morte... foi Deos,

quem escolheu a tua mão para me falmar!

AMEL. Que dizeis, minha Mãe?

THEA. Digo que és um modelo de condura e de pureza; que os delictos podem passar á roda de ti sem manchar o teu vestido virginal; e que tens olhos, como os dos Anjos, não vêem deste mundo senão o que é bom e bello. — Adeos, minha filha... o ceo te fale bem... Adeos.

AMEL. Assim o espero, mãman... — *(Abraço-a.)* Tenho para mim que servi ditosa.

THEA. *(Entrando no seu quarto.)* É mais que certo, que a virtude não é uma palavra.

SCENA VIII.

UM CREADO, AMELIA, depois DELAUNAY, e ARTHUR.

O CREAD. Senhora, tudo está prompto.

AMEL. Dulan e Laura?...

O CREAD. Espero por vós lá em baixo, e ara se despedirem.

AMEL. Bem. *(O Creado sai.)* Ide-vos: dizei-lhe que espero por meu Pai.

(Arthur apparece á porta do fundo, Delaunay á porta lateral, Amélia está na béca do Theatro.)

ARTH. *(Do fundo.)* Amélia não está no quarto; posso ir buscar... *(Vai para entrar no seu quarto, e encontra Delaunay á porta.)*

DEL. Ainda aqui, senhor!

ARTH. Perdoad!... eu ia...

DEL. *(Designando o quarto, d'onde sa.)* Ah!?

ARTH. Sim... tinha-me lá esquecido...

DEL. Umás cartas, uma carteira, um retracto, não é assim?

ARTH. Ah!...

DEL. É inútil, tudo foi queimado, despedaçado, aniquillado.

AMEL. Como... que dizeis, meu Pai?

DEL. Nada... — *(Tudo para Amélia.)*

Adeos, minha filha... Deos te guie pela mão! Deos te outorgue todas as venturas, que promete aos outros, sem lhes conceder!...

AMEL. Ah! meu Pai! é no momento em que vos deixo que eu conheço o muito que vos quero!

DEL. Paciencia, minha filha! ani-

mal... E eu, eu... julga tu de ferro o meu coração?... Adeos, minha filha...

AMEL. Não vindes acompanhar-nos até baixo?

DEL. Não... Para que?... Vai!

ARTH. *(Com simulação.)* Senhor!... Meu Pai!...

DEL. Tornal-a-beis ditosa?

ARTH. Ah! en vol-o jurro!

(Delaunay dá-lhe a mão; Arthur sobe-a de beijos, e de lagrimas.)

DEL. Ora pois, ide-vos, senhor, ide-vos, e levaí minha filha... Ide-vos!

AMEL. e ARTH. *(Saíndo.)* Adeos! adeos!...

SCENA IX.

DELAUNAY, depois THERESA.

DEL. Adeos para sempre!... Adeos á minha filha, á minha Amélia, áquella, para quem contava estender a mão no meu leito de morte... Ah!... o resto da minha vida não será mais que uma agonia longa e solitaria!... Quanto sou infeliza!... E quando, prevenido isto,

do lugar a outra mulher nos meus projectos, e nas minhas esperanças... essa mulher... ah!... essa mulher...

THER. *(Arrestando-se.)* Destruio-as, não é assim?

DEL. *(Estremecendo.)* Sões vós, Theresa!...

THER. Estiveis a amaldiçoar-me!

DEL. Estava a lastimar-vos.

THER. Ah! sões tão bondadosos...

DEL. Sou justo: o primeiro erro foi meu, Theresa: eu devêra ter olhado para a minha cabeça branca, e para os vossos cabellos negros... devêra ter-vos deixado em Nápoles ditosa e livre.

THER. Poupar-me-hicis assim um delicto e um remorso...

DEL. Que dizeis, Theresa!... Estas engusadas: nisto não ha nem delictos, nem remorsos... ao menos en nada sei... e nada quero saber... — Uma separação entre nós é de absoluta necessidade, — e nada mais. — Uma separação equiva-

lante para vós á liberdade... Deixo-vos em Paris... deixo-vos no meu palacio... com honra... deixo-vos com o meu nome, e a minha fortuna... Parto para *Auvergne*.

THER. Sósinho!... sósinho!...

AMEL. Ah! meu Pai! é no momento em que vos deixo que eu conheço o muito que vos quero!

DEL. Paciencia, minha filha! ani-

mal... E eu, eu... julga tu de ferro o meu coração?... Adeos, minha filha...

AMEL. Não vindes acompanhar-nos até baixo?

DEL. Não... Para que?... Vai!

ARTH. *(Com simulação.)* Senhor!... Meu Pai!...

DEL. Tornal-a-beis ditosa?

ARTH. Ah! en vol-o jurro!

(Delaunay dá-lhe a mão; Arthur sobe-a de beijos, e de lagrimas.)

DEL. Ora pois, ide-vos, senhor, ide-vos, e levaí minha filha... Ide-vos!

AMEL. e ARTH. *(Saíndo.)* Adeos! adeos!...

DEL. Dulau vai comigo... Enhá-me dito que o encontraria á hora em que d'elle tivesse necessidade... Ah! encontrei-o a essa hora.

THER. Oh meu Deus! meu Deus!...

DEL. Não é isto sufficiente, senhora?... Dizei: couvir-vos-hia antes, que eu ficasse? Tendes preciso da minha sombra para?...

THER. Tenho preciso das vossas lagrimas sobre o meu sepulcro!...

DEL. (*Sorrindo-se.*) Ah!...

THER. Tenho preciso da vossa benção no meu ultimo suspiro... da vossa benção, ouvis?... porque o meu perdão não posso esperal-o, é um negocio entre mim e Deus.

DEL. (*Com amargura.*) No vosso ultimo suspiro, senhora?... Ah! olhai para nós ambos, e vede qual deve sobreviver ao outro... Vós estais no verdor da mocidade e da formosura; tereis largos annos de vida.

THER. No verdor da mocidade... Acaso é isto motivo para não morrer? Estou no verdor da formosura... Ah! olhai para mim.

DEL. (*Esparvando.*) Oh! meu Deus!...

THER. Tereis largos annos de vida!... Acreditaes que se possa viver por muito tempo com este suor no rosto, e com veneno nas entranhas?

DEL. Vento!...

THER. (*Calando sobre os joelhos.*) É pois necessario dizer-vos tudo... não adivinhaes nada?... Mas não, vedeis que morro?...

DEL. Vós!... oh meu Deus! meu Deus! socorro!...

THER. (*Segurando-lhe as mãos.*) Não vos vades!... não me deixeis!... Não quero socorro... morrerei n'esse espaço.

(*Segura-se de duas mãos de Delannoy, e deixa-se arrositar, com a cabeça inclinada por terra.*)

DEL. Tu, morre!... Não, não, não!... É impossível!... Dulau!... Laura!...

(*Dulau e Laura entram pela porta do fundo, e deitão-vr Paulo.*)

SCENA X.

Os precedentes, DULAU e LAURA.

DEL. Que aconteceu?... que gritos são estes?...

LAUR. Dizei, dizei!...

DEL. Oh!.. Theresa!... Veneno... Não percebeis?... Está envenenada!...

PAUL. (*Fechando a porta.*) Bem!

DEL. Que fazer?...

DEL. Um medico á um momento!... a minha fortuna é sua... Correi, correi depressa!

DEL. e LAUR. (*A porta do fundo.*) Esta porta está fechada!...

DEL. Arrombai-a!

(*Dulau arromba a porta com o pé. — Laura e elle recuão, dando um grito.*)

DEL. e LAUR. Ah!...

DEL. Que aconteceu?...

DEL. Paulo morto!... Paulo apunhalado!...

THER. (*A Delannoy ferozmente por erguer-se.*) Apressal-vos a perdou-me em quanto vos não vêem... e dir-lhe-heis, se quizerdes, que me houveis amaldiçoado.

DEL. Em te perdão e te abenço, pobre mulher!... e Deus não será mais severo do que eu tenho sido.

THER. (*Esprando.*) Talvez.

FIM DO DRAMA.

Antonio José Marques Correia Caldeira.

José Trave de Serpa Pinna.

José Maria Eugénio d'Almeida.

Jão das Neves Gomes Elias.

Rodrigo José de Moraes Soares.

Ulgámos o Drama — **THERESA** — digno de ser traduzido pelo Conservatorio, e apto para ser representado no Theatro da N. A. D.; — e revimos e approvámos a sua versão, conformando-nos com o parecer dos Traductores na leve alteração, que soffeo o original em a ultima Scena do Acto 3.º; — cuja mudança a delicadeza, a modestia, e os bons costumes, que nos prezamos de respeitar e seguir como norma em as nossas publicações Dramaticas, altamente reclamavão.

Coimbra. Sala da Direcção do Conservatorio Dramatico da Nova Academia Dramatica, 14 de Junho de 1839.

— *Morces Soares.*
— *Freixo de Sequeira.*
— *Coutinho Vianna.*
